Fossem os edis de uma cidade, sem exceção, homens de um gosto perfeito; se cada restauração ou reconstrução de edifício fizesse-se de uma maneira irrepreensível, nem por isso todas as nossas cidades deixariam de oferecer o deplorável e fatal contraste do luxo e da miséria, conseqüência necessária da desigualdade, da hostilidade que separam em dois o corpo social. Os bairros suntuosos, insolentes, têm por contrapartida casas sórdidas, ocultando por trás de seus muros exteriores, baixos e deteriorados, pátios gotejantes, montes repugnantes de pedregulho, miseráveis assoalhos de ripas. Mesmo nas cidades cujos administradores buscam encobrir hipocritamente todos os horrores mascarando-os por cercas decentes e embranquecidas, a miséria não deixa de transpassar: sente-se que lá atrás a morte realiza sua obra mais cruelmente do que alhures.

ÉLISÉE RECLUS

ISBN 978-85-7935-000-9

ÉLISÉE RECLUS

RENOVAÇÃO DE UMA CIDADE

9

ÉLISÉE RECLUS

RENOVAÇÃO DE UMA CIDADE

REPARTIÇÃO DOS HOMENS

Editora Imaginário

EXPRESSÃO & ARTE EDITORA

ÉLISÉE RECLUS
(1830 - 1905)

Geógrafo e anarquista francês.

Em 1871, participou ativamente da Comuna de Paris. Preso e condenado à deportação para Nova Caledônia, sua pena é comutada para dez anos de banimento. Na Suíça participou da Federação Jurassiana com Bakunin e James Guillaume. A partir de 1894, instalou-se em Bruxelas onde, sob sua impulsão, foi criada a Universidade Nova, bem como o Instituto de Altos Estudos, em 1894, no qual lecionou.

Reclus participou de inúmeros jornais, revistas e brochuras. Mas é sobretudo o autor das extraordinárias obras de geopolítica *Nova Geografia Universal: a Terra e os Homens* (19 volumes) e *O Homem e a Terra* (6 volumes), nas quais analisa a relação do homem com o seu meio.

Rosana

RENOVAÇÃO DE UMA CIDADE

REPARTIÇÃO DOS HOMENS

Rosana Batista
08/2010

Projeto Editorial
Plínio Augusto Coêlho

Ilustração da capa
Paul Klee, *Jardim do castelo*, 1919.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reclus, Élisée, 1830-1905.
Renovação de uma cidade / Élisée Reclus, Élie Reclus. Repartição dos homens / Élisée Reclus / ; organização e tradução Plínio Augusto Coêlho. -- São Paulo : Expressão & Arte : Editora Imaginário, 2010.

Título original: Renouveau d'une cité ; Répartition des hommes. "A cidade e a geografia urbana em Élisée Reclus e sua época / Philippe Pelletier.
ISBN 978-85-7935-000-9

1. Geografia 2. Reclus, Élisée, 1830-1905 - Crítica e interpretação I. Reclus, Élie, 1827-1904. II. Coêlho, Plínio Augusto. III. Pelletier, Philippe. IV. Título. V. Título: Repartição dos homens. VI. Título: A cidade e a geografia urbana em Élisée Reclus e sua época.

10-05782 CDD-910

Índices para catálogo sistemático:
1. Geografia : História e crítica 910

Expressão e Arte Editora
Rua Waldemar Martins, 926 - Casa Verde
Tel. 11-3951-5240 / 3966-3488 Fax 11-3951-5188
02535-001 São Paulo - SP
www.expressaoearteeditora.com.br
expressaoearte@terra.com.br

Editora Imaginário
Rua Espártaco, 456 - Vila Romana
Tel. 11-3864-3242
05045-000 São Paulo - SP
www.editoraimaginario.com.br
ed.imaginario@uol.com.br

Impresso no Brasil
2010

ÉLISÉE RECLUS

RENOVAÇÃO DE UMA CIDADE

REPARTIÇÃO DOS HOMENS

Organização e Tradução
Plínio Augusto Coêlho

Editora Imaginário

EXPRESSÃO & ARTE EDITORA

SUMÁRIO

A CIDADE E A GEOGRAFIA URBANA
EM ÉLISÉE RECLUS E SUA ÉPOCA
Philippe Pelletier
9

REPARTIÇÃO DOS HOMENS
O HOMEM E A TERRA
Élisée Reclus
31

RENOVAÇÃO DE UMA CIDADE
Élisée Reclus
Élie Reclus
81

NOTA DA EDIÇÃO

O artigo de Philippe Pelletier "A Cidade e a Geografia Urbana em Élisée Reclus", servindo de introdução a esta obra, foi publicado no número 4 da revista *Réfractions*, Paris, 2005.

Repartição dos Homens, é o capítulo II, livro IV, volume V da obra O *Homem e a Terra*, publicado em 1905.

Neste ensaio, ***Renovação de uma Cidade***, Élisée contou com a colaboração de seu irmão Élie Reclus, e foi publicado na revista *Société Nouvelle*, em 1896.

A CIDADE E A GEOGRAFIA URBANA EM ÉLISÉE RECLUS E SUA ÉPOCA

Philippe Pelletier

Élisée Reclus escreveu relativamente pouco sobre a cidade e o fenômeno urbano em geral. Todavia, em relação aos geógrafos de sua época, ele foi muito mais prolixo sobre esse assunto e, sobretudo, mais penetrante.

A geografia da época é marcada pela descoberta do mundo (as *terrae incognitae*, os novos espaços, as explorações) e por sua descrição, amiúde literária ou narrativa. Esse mundo ainda é essencialmente rural ou selvagem. Daí o interesse voltado seja ao campo, símbolo de um povoamento milenar e de uma longa ocupação do solo, seja aos espaços virgens, potencialmente povoáveis.

Élisée Reclus não escapa dessa tendência dominante. Além do mais, tem, pessoalmente, mais interesse pelos espaços rurais, "rurbanos" ou "sel-

vagens" como a montanha. Ele sempre habitou em burgos ou vilas, embora próximos a grandes aglomerações (Bordeaux, Paris, Lausanne, Bruxelas).

No entanto, Élisée Reclus não oculta o fenômeno urbano em sua geografia. Ele desenvolve em relação a isso análises extraordinárias e claramente ligadas à sua abordagem anarquista.

A abordagem de Élisée Reclus e a geografia de sua época

Sua contribuição essencial relativa à cidade encontra-se em *O Homem e a Terra* (seis volumes, 1905-1908). Não é uma surpresa, pois se trata de sua obra principal e fundamental, sob vários aspectos. Ela surge, com efeito, ao final de sua vida e de sua reflexão tanto geográfica quanto política. Sintetiza o amadurecimento de um pensamento. Marcando uma inflexão, ela ultrapassa uma visão com freqüência naturalista e unitarista do mundo, claramente perceptível em suas obras anteriores, entre as quais *A Terra* (1868), para exprimir uma visão muito mais sociológica. É, enfim, a única obra de geografia na qual Reclus está de fato liberado dos constrangimentos editoriais, e notadamente da cláusula de Hachette, o editor da *Nova Geografia Universal – A Terra e os Homens* (19 volumes, 1876-1894), que lhe pedia expressamente para não comentar suas opiniões políticas.

O Homem e a Terra é contemporânea de outras obras de geografia que conheceram grande notoriedade à época, e que ainda são célebres na disciplina. Ela é publicada no mesmo ano que a famosa obra de Paul Vidal de La Blache, *O Quadro Geográfico da França* (1905).

Abordamos aqui um ponto essencial. Élisée Reclus foi grosso modo contemporâneo de dois outros gigantes da geografia européia do final do século XIX e do início do século XX, Friedrich Ratzel (1844-1904) e Paul Vidal de La Blache (1845-1918). Mas sabemos que Reclus foi amplamente esquecido pela corporação dos geógrafos, antes de sua redescoberta, enquanto Ratzel e Vidal foram glorificados. Não se trata de uma questão de geração, de época e de estado de desenvolvimento da ciência que está em causa (um Vidal que seria mais moderno e mais recente que Reclus), mas outra coisa.

Élisée Reclus, lembremos, nasceu em 1830 e morreu em 1905. Ele é quinze ou dezesseis anos mais velho que Ratzel e Vidal, mas Ratzel morre só um ano antes dele e Vidal treze anos depois. É provável que esses treze anos de intervalo tenham desempenhado um papel na diferença de notoriedade entre Vidal e Reclus, mas não é a principal

explicação. Evidentemente, o anarquismo de Reclus incomodava, mas também não é o único motivo. De fato, sua concepção da geografia também incomodava: demasiado inovadora, demasiado sociológica, demasiado histórica, demasiado liberada, apesar de tudo, do naturalismo; enfim, demasiado engajada. E sem esquecer suas opções pedagógicas no ensino da geografia.

A propósito dessa concepção da geografia em Reclus, é preciso lembrar da frase de Jean Brunhes (1869-1930), discípulo de Vidal, que escrevia em *La Géographie Humaine*, em 1910:

> Prefiro não falar aqui da obra póstuma de Reclus [*O Homem e a Terra*] que contém interessantes pontos de vista geográficos, mas que é sobretudo história e sociologia.

Essa frase deve ser tomada ao pé da letra, e em toda a sua acepção. Assim como observou Yves Lacoste, reencontramos o velho argumento do "não é geografia" para desacreditar toda tentativa de levar em consideração a dimensão sociopolítica e geopolítica da organização do espaço.

Élisée Reclus evoca sistematicamente, com efeito, as questões de poder, em especial em sua análise da religião, e ele nunca é tolo ou ingênuo ante os apetites dos dirigentes. No plano epistemológico, ele tenta articular as lógicas políticas e econômicas não apenas nas rivalidades entre países, mas igualmente na organização dos espaços. Sua abordagem repousa em uma dialética do meio-espaço e do meio-tempo, dinâmica, e no funcionamento de três leis: a luta de classes, a busca do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo. Élisée Reclus pode ser considerado como um dos criadores da "geografia social". Ele dá a essa expressão já empregada, mas confidencialmente pelos sociólogos da corrente de Le Play, uma tonalidade mais forte e uma maior precisão.

Não é por acaso que Vidal de La Blache prefere, enfim, e praticamente no mesmo período, a expressão "geografia humana". O termo "humana" é mais neutro, mais *soft*, mais politicamente correto como se diria hoje, tanto mais porque, ao final do século XIX, como ainda hoje, às vezes, o termo "social" era quase sinônimo de "socialista". Essa questão de titulagem não é anedótica, ela é essencial, ainda em nossos dias, pois, por trás dos títulos, abriga-se sempre uma visão do mundo e da humanidade.

As posições de Vidal são, em relação a isso, muito claras. Em seu outro *opus magnum*, *Principes de Géographie Humaine* (1922, póstumo, que constitui, de fato, uma coletânea de artigos já publicados em 1917-1918, e de idéias exprimidas anteriormente), Vidal escreve já na introdução:

> A geografia humana é um dos ramos que brotou recentemente no velho tronco da geografia. [Ela] não se opõe, portanto, a uma geografia da qual o elemento humano seria excluído; isso só existiu no espírito de alguns especialistas exclusivos. Mas ela traz uma nova concepção das relações entre a terra e o homem, concepção sugerida por um conhecimento das leis físicas que regem nossa esfera e relações entre os seres vivos que a povoam. (p. 4)

Poder-se-ia superficialmente crer que essa abordagem de Vidal é similar àquela de Reclus. Apesar de tudo, este último também se interessava pelas relações entre o homem e a terra. Mas Vidal ressalta as "leis físicas"; se ele nunca cai nos excessos do determinismo, sua intenção, às vezes, não está muito distante disso. E, sobretudo, ele reduz os homens à escala e à entidade de "seres vivos", um pouco como super-animais. Considera as relações humanas como sendo essencialmente relações entre seres vivos. Nada de política, pouco de sociologia, nenhuma análise das relações de força sociais. É uma abordagem tipicamente biológica, biologizante, organicista. Encontramo-la constantemente na obra de Vidal, sobretudo em seus capítulos relativos às raças, às etnias e às relações entre agrupamentos e meios. Sobre esse tema, ele começa, por exemplo, evocando a adaptação das plantas ao

meio para analisar, em seguida, aquela dos homens, cujo conceito, por sinal, ele empresta de Ratzel sobre os Naturvölker.

É verdade, tal abordagem é freqüente naquela época. O próprio Reclus utiliza-a. É verdade, para Vidal bem como para Reclus, o progresso e a civilização correspondem ao esforço do homem para liberar-se dos constrangimentos do meio natural e físico. Também aqui observamos uma convergência entre os dois autores. Se Reclus leva mais em consideração a proteção do meio ambiente, Vidal também não esquece essa questão. A idéia de íntima harmonia entre o homem e a terra que Reclus extrai de Alexander von Humbolt (1769-1859) ou de Karl Ritter (1779-1859), Vidal também se serve dela de modo mais sistemático.

Vidal considera o homem sob o ângulo biológico, como um animal evoluído e orgânico, no interior de um todo. É tudo, é "o princípio da unidade terrestre e a noção de meio" (p. 5). Vidal ressalta que é a Ratzel que se deve esse princípio:

> Cada vez mais nós nos elevamos à noção de fatos gerais ligados ao organismo terrestre. É com razão que Friedrich Ratzel insiste nessa concepção da qual ele faz a pedra angular de sua *Antropogeografia* [1891]. Os fatos de geografia humana ligam-se a um conjunto terrestre e só são explicáveis por ele. Eles estão em

relação com o meio que cria, em cada parte da terra, a combinação das condições físicas.

É preciso estar atento. Não sejamos ingênuos quanto à concepção da unidade terrestre. Essa concepção é amplamente apoiada pelas descobertas científicas que insistem nas interações dos fenômenos físicos em todas as escalas, inclusive aquela do globo (tectônica das placas, teoria dos climas etc.). Mas se a análise permanece nesse nível, ela pode fácil e logicamente deslizar para explicações deterministas do mundo, pior, ela justifica políticas em nome desse determinismo.

Foi, por sinal, o que aconteceu. Não esqueçamos que Ratzel, com sua concepção organicista do Estado ligado ao solo, da luta biológica pelo Lebensraum etc., é um dos inspiradores da escola alemã de *Geopolitik* que fez causa comum com o nacional-socialismo germânico (Kjellen, Haushofer). Não esqueçamos também que o versalhês Vidal de La Blache, republicano laico, membro ativo da Fédération Régionaliste Française, que compreendia elementos muito direitizantes, para não dizer mais, como Maurice Barrès (1862-1923) ou Frédéric Mistral (1830-1914), foi um excelente apoio da 3ª República e notadamente de sua política colonialista.

Reclus e Ratzel têm, por exemplo, em relação à questão das fronteiras, uma posição diametralmente oposta. Ratzel sustenta a idéia de fronteiras naturais, Reclus contesta-a e condena-a. Para Ratzel, "as barreiras naturais determinam as fronteiras naturais" (*La Géographie Politique*, p. 151). Para Reclus, "excetuando o caso das ilhas, todos os limites plantados entre as nações são obras do homem" (p. 34).

Observamos que, em *Les Principes de la Géographie Humaine*, Vidal nunca faz referência a Reclus, mas cita abundantemente os gregos, Ritter, Ratzel e Haeckel. Quanto a isso, Vidal não hesita em declarar que o "meio" de Taine, o "meio ambiente" dos anglo-saxãos e a "oecologie" de Haeckel são "termos que, no fundo, concernem à mesma idéia", e que exprimem a mesma "preocupação": "a íntima solidariedade que une as coisas e os seres".

Reclus não está isento de tendências biologizantes, e até mesmo organicistas. Mas, em Reclus, o organicismo é mais uma figura de estilo, uma utilização da metáfora do que uma tomada de posição quanto ao fundamento. Sua geografia, de naturalista, depois humana, torna-se claramente, ao final de sua vida e no apogeu de sua reflexão, "social". Nem ecológica ou ecologista *avant la lettre*, "social": simples e claramente. A dialética reclusiana do meio-espaço e do meio-tempo distingue-se da abordagem vidaliana "meio e tipo de vida". Ela parece muito mais pertinente, muito mais rica.

Élisée Reclus e o fenômeno urbano

Qual é a relação de todas essas questões com a cidade? É simples: a cidade representa o elemento mais artificial, por definição, o mais construído, o menos "natural" da humanidade. A abordagem naturalizante, biologizante e ruralizante da geografia da época recusa-se, por conseqüência, a interessar-se por ela de perto. Ao menos antes da emergência da escola dita de Chicago, nos anos 1920 e 1930 (Park, Burgess etc.) que será uma tentativa de naturalizar o fenômeno urbano bem como sua análise.

Evidentemente, ninguém à epoca de Reclus nega o fato urbano. Vidal ressalta a artificialidade do fenômeno urbano. Ele, inclusive, escreve: "A origem das cidades, por mais distante que seja necessário remontar, é um fato essencialmente histórico" (p. 290). Aqui estamos. É precisamente por esse motivo, artificialidade e história, que Vidal e, em seguida, a escola dita vidaliana, não estão muito à vontade com o fenômeno urbano. Emmanuel de Martonne (1873-1955), genro e discípulo de Vidal, reconhece-o muito claramente em sua "Advertência" a *Les Principes de Géographie Humaine* de Vidal: "Só podemos extrair sobre esse assunto [as cidades] algumas páginas, espécie de introdução

ou sumário" (p. VI). Resultado: de um total de aproximadamente 330 páginas da obra *Les Principes de Géographie Humaine*, Vidal só consagra cinco (mais um mapa) páginas à cidade!

Como eu já disse, Élisée Reclus é mais prolixo sobre o assunto, e mais interessante. Sobretudo seu capítulo II em *O Homem e a Terra* (que compreende 12 capítulos no quarto e último livro intitulado "História Contemporânea", tomo V)*.

O que não foi visto, ao meu conhecimento, foi a forte semelhança entre os planos adotados por Reclus e aqueles adotados por Vidal na primeira metade de suas respectivas obras, levando a crer que o segundo copiou, decalcou do primeiro.

Reclus:

Povoamento da terra, cap. I: Conhecimento científico do planeta – Regiões polares – Recenseamento dos homens – Colonização do Norte – Patriotismo e ódios nacionais — Fronteiras ditas naturais – Nacionalidades – Gânglios mundias – Raças suprimidas.

Repartição da população, cap. II: Horror e esplendor das cidades – Imigração dos camponeses – Repartição das cidades – Rede de etapas – Cresci-

* Trata-se do texto *Repartição dos Homens* apresentado nesta obra. (N.T.)

mento normal e anormal – Originalidade das cidades – Cidades políticas, militares, industriais – Organização urbana – Higiene e arte – Cidades-jardins.

Encadeamento de latinos e germanos (cap. III). Russos e asiáticos (cap. IV). A Inglaterra e seu cortejo (cap. V). O Novo Mundo e a Oceania (cap. VI).

Vidal:

Primeira parte: A repartição da população sobre o globo; visão de conjunto (cap. I). Formação de densidade (cap. II) (Grupos e superfícies de agrupamentos. Movimentos de povos e migrações). As grandes aglomerações humanas: África e Ásia (cap. III). A aglomeração européia (cap. IV). Regiões mediterrâneas (cap. V). Conclusões (cap. VI).

O primeiro subtítulo do capítulo de Reclus consagrado ao assunto resume muito bem seu pensamento: "Horror e esplendor das cidades". Com justeza, Reclus não adota uma posição fechada em relação ao fenômeno urbano, e às profundas mutações sociais, espaciais ou ecológicas que o acompanham. Ele lembra, por sinal, que, em todos os tempos, bons espíritos lamentaram a existência das grandes cidades, como "Rousseau [que], deplorando o aviltamento de tantos camponeses que se vão perder nas grandes cidades, denomina-as abismo da espécie humana" (p. 67).

Reclus ressalta, assim, que o crescimento urbano resulta não só de fatores negativos, aqueles que desencadeiam, por exemplo, o êxodo rural, como também de fatores positivos. Vejamos ambos.

> É uma linguagem risível essa dos proprietários moralistas que aconselham aos camponeses para permanecerem ligados à terra, enquanto, por suas ações, desenraízam o camponês e criam-lhe condições de vida obrigando-o a fugir para a cidade. (p. 69)

Cita a supressão dos terrenos comunais, a industrialização do campo, a necessidade de trabalhadores na cidade. E deplora a ruína do campo que isso acarreta.

Mas ele também evoca a atração dos homens pela vida urbana, sinônimo ou símbolo de modernidade, de luzes, de multidão, mas também de anonimato. É, por sinal, uma perfeita ilustração dos fenômenos migratórios que se vão operar com amplitude ainda maior do que em sua época, no transcurso do século XX: se só houvesse fatores negativos que expulsam os homens de um lugar para outro, esses fenômenos não poderiam verdadeiramente operar-se. São necessários também fatores atrativos.

Reclus ressalta, portanto, que as cidades não são apenas "monstros, vampiros gigantescos, su-

gando a vida dos homens" e que "todo fenômeno é complexo". Exerce-se também a atração da cultura (museus, bibliotecas, escolas), e Reclus, sugerindo o peso do conservadorismo do campo, conclui: "Quando as cidades crescem, a humanidade progride, quando diminuem, o corpo social ameaçado regride à barbárie" (p. 72). Estamos longe dos khmers vermelhos ou verdes que querem esvaziar as metrópoles atuais de seus habitantes.

Reclus vai ainda mais longe porquanto estima que, mesmo no sistema burguês e capitalista, as cidades podem, apesar de tudo, ser fatores de progresso, principalmente em nível da higiene. Burgueses e trabalhadores tendo de viver a maior ou menor proximidade, os burgueses devem absolutamente levar em consideração uma melhoria geral da higiene (infra-estruturas, canalização da água, saneamento etc.), sob pena de ver enfermidades e poluições diversas contaminar igualmente as camadas burguesas. Reclus faz, desse ponto de vista, uma lúcida análise do movimento higienista urbano de sua época, assim como antecipa-se às políticas ecológicas e ambientalistas adotadas pela atual burguesia nas grandes cidades. "A história está aí para ensinar que as enfermidades de uns acarretam aquelas dos outros, e que é perigoso para os palácios deixar a peste devastar os casebres" (p. 99).

Evidentemente, poder-se-ia crer que Reclus não podia conhecer o formidável crescimento urbano planetário desses últimos cinqüenta anos pelo menos, e que, por conseqüência, ele não podia prever seus enormes efeitos negativos. Mas não é exatamente o caso: "Atualmente, nada faz presumir que essas prodigiosas aglomerações de edifícios tenham atingido sua maior extensão imaginável: muito pelo contrário" (p. 109). E, depois de ter comparado a situação da Austrália e da Inglaterra em relação a esse ponto, ele acrescenta em conclusão do capítulo:

> Uma próxima aglomeração de dez, vinte milhões de homens, seja na bacia inferior do Tâmisa, seja na embocadura do Hudson, ou em qualquer outro lugar de atração, nada teria que pudesse surpreender e, inclusive, é preciso preparar nossos espíritos, em relação a isso, como um fenômeno normal da vida das sociedades. (p. 110)

Lembremos que Londres conta atualmente sete milhões de habitantes e Nova York sete milhões e trezentos mil (quase vinte milhões a grande Nova York). Pensamos nos cálculos antimalthusianos de Reclus na faixa equatorial que poderia acolher milhões de homens em seus solos férteis. Ele precisa, inclusive, que esse novo fenômeno, que, portanto,

nada tem de patológico, visto que o qualifica de "normal", acompanhar-se-á de uma "incessante permuta de população entre as cidades que já é observada", antecipando aquilo que os geógrafos contemporâneos denominam redes urbanas ou metropolitanas ou ainda megalopolitanas.

Observando a lógica da repartição das cidades, Reclus inova igualmente na análise geográfica:

> Se a Terra fosse completamente uniforme em seu relevo, na qualidade do solo e nas condições do clima, as cidades ocupariam uma posição geométrica, por assim dizer: a atração mútua, o instinto de sociedade, a facilidade das permutas teriam-nas feito nascer a distâncias iguais umas das outras. Tendo em vista uma região plana, sem obstáculos naturais, sem rio, sem porto, situada de uma maneira particularmente favorável, e não dividida em Estados políticos distintos, a maior cidade teria sido construída diretamente no centro do país; as cidades secundárias ter-se-iam distribuído a intervalos iguais sobre o território, espaçadas ritmicamente, e cada uma delas teria tido seu sistema planetário de cidades inferiores, tendo seu cortejo de vilarejos. A distância normal de uma jornada de marcha, tal deveria ser, sobre uma planície uniforme, o intervalo entre as diversas aglomerações urbanas... (p. 74)

Aproximadamente trinta anos antes, Élisée Reclus antecipa-se mais uma vez anunciando a Teoria dos Lugares Centrais de Walter Christaller. Bem conhecida pelos geógrafos, essa teoria, que foi notadamente aprofundada pelos geógrafos americanos como Brian Berry, analisa a geometria das áreas de comércio, de atração urbana, de polarização etc. Pode-se substituir a "jornada de marcha" pelo "percurso de um automóvel" e a lógica permanece a mesma. Reclus prevê, por sinal, essa evolução, visto que evoca em seguida o fato segundo o qual "as máquinas, gradual ou bruscamente, modificaram as medidas primitivas". Trinta anos antes, e até mesmo antes, Reclus antecipa-se ainda implicitamente em relação às críticas ou às modulações que se pode fazer dessa teoria, visto que ele coloca claramente as condições de sua validade e, por conseqüência, inversamente, as condições de sua invalidação: é preciso uma planície uniforme, sem obstáculos, nem rio, nem porto, nem limites políticos... Ou seja, um espaço difícil de encontrar (Baviera, Centro, Middle-West etc.).

Assim como fará Vidal, Reclus analisa a localização das cidades em função de sua paisagem ou de sua situação, mas, enquanto Vidal manter-se-á estritamente aí, Reclus irá muito mais longe.

Reclus e o urbanismo

Não é, portanto, nem a existência das cidades, nem sua enormidade que incomoda Reclus. Conformemente às suas opiniões políticas, é a organização sócio-espacial desigualitária das cidades que ele deplora e condena. Enuncia, em relação a isso, uma frase tão arrebatadora quanto admirável:

> Fossem os edis de uma cidade, sem exceção, homens de um gosto perfeito; ainda que cada restauração ou reconstrução de edifício fizesse-se de uma maneira irrepreensível, nem por isso todas as nossas cidades deixariam de oferecer o deplorável e fatal contraste do luxo e da miséria, conseqüência necessária da desigualdade, da hostilidade que separam em dois o corpo social. (p. 102)

Ou seja, o antagonismo entre a burguesia e o Estado, de um lado, e os explorados e dominados, de outro. Todo embelezamento da cidade só beneficia, realmente, alguns em detrimento dos outros. Reclus ressalta o fato de que

> os bairros suntuosos, insolentes, têm por contrapartida casas sórdidas, ocultando por trás de seus muros exteriores, baixos e deteriorados, pátios gotejantes, montes repugnantes de pedregulho, miseráveis assoalhos de ripas. (p. 102)

Ele denuncia a "especulação bárbara", a "feiúra", as poluições (ainda que não empregue esse termo).

Reclus ressalta que o embelezamento dos centros das cidades tem por corolário a expulsão para a periferia das populações empobrecidas, fenômeno bem conhecido que ainda hoje existe:

> É só um meio-bem transformar os bairros insalubres, se os infelizes que outrora os habitavam são expulsos de seus antigos casebres para ir em busca de outros no subúrbio... (ibid)

Qual é a solução? A resposta de Élisée Reclus é implicita: a supressão da desigualdade, da hostilidade que separa em dois o corpo social, supressão realizável, diz-nos Reclus em seus textos mais expressamente políticos, pela Revolução social que tem por finalidade o comunismo libertário, proposição que ele elaborou com os anarquistas Cafiero, Kropotkin e outros mais. Ela é, inclusive, explícita em *O Homem e a Terra*: "Considerando bem as coisas, toda questão de edilidade confunde-se com a própria questão social" (p. 105)

Reclus leva igualmente em conta a existência de políticas que se poderia qualificar, para ser rápido e preciso, de reformistas. Ele cita notadamente como exemplo as cidades-jardins.

> É a esse programa [conformar as cidades às necessidades e aos prazeres de todos, torná-las corpos orgânicos perfeitamente saudáveis e belos] que pretende responder a cidade-jardim. E, de fato, industriais inteligentes, arquitetos inovadores conseguiram criar na Inglaterra, onde o casebre urbano era o mais repugnante, um certo número de centros em condições tão perfeitamente saudáveis para o pobre quanto para o rico. (p. 105)

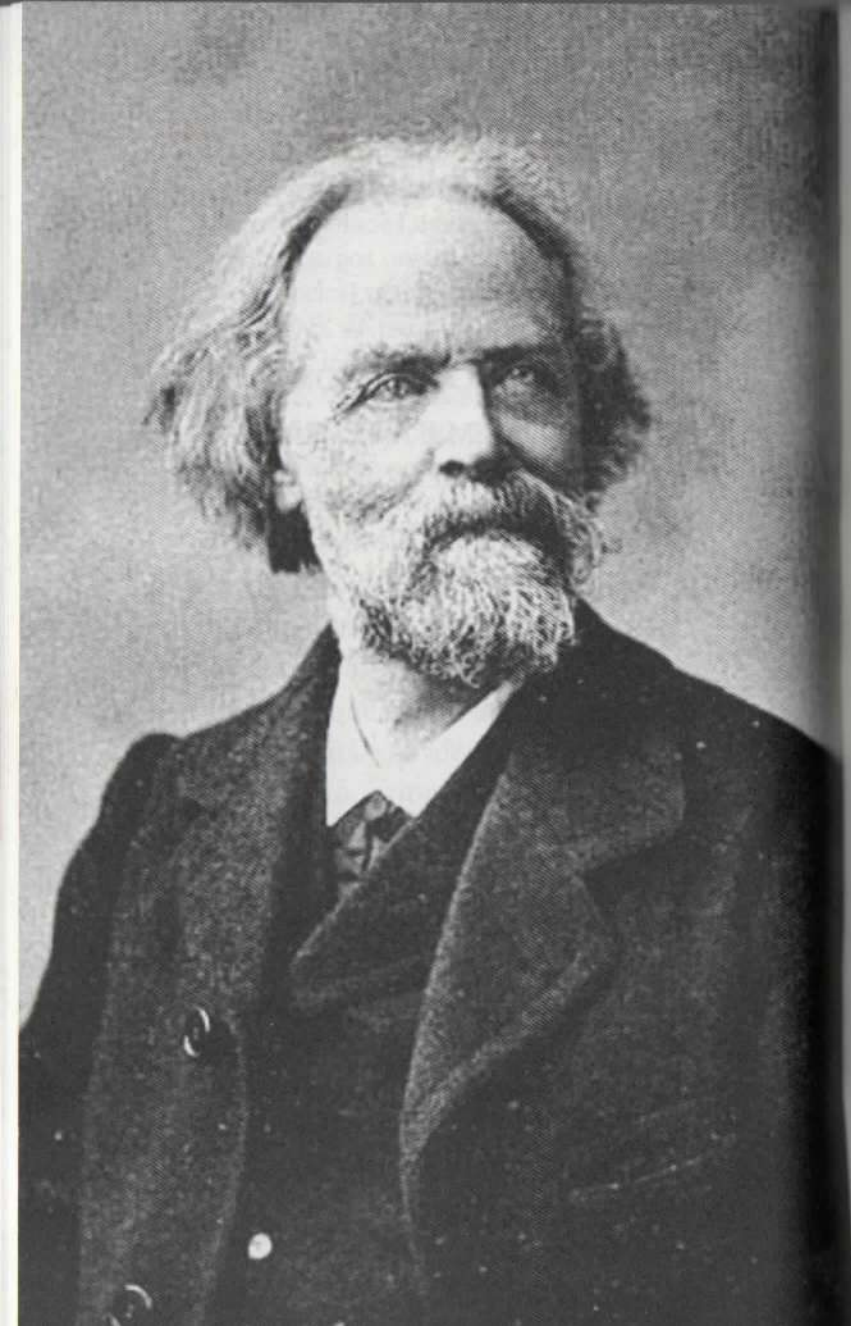
Mas ele não diz mais nada sobre isso e devemos nos contentar com seu "pretender" para saber o que ele pensa disso.

Parece-me que, de modo bastante geral, Reclus é assaz refratário à idéia e ao termo "utopia". Emprega-o pouco. Criticou severamente as tentativas de comunidades anarquistas que floresceram ao final do século XIX. Ele é sensível, em relação a isso, às acusações de utopia lançadas pelos adversários do anarquismo, e prefere falar de ideal (atraindo para si a etiqueta de "idealista" por parte de Engels) ou sublinhar a parte já libertária (anárquica) da sociedade existente sobre a qual deve fundar-se o "progresso", outro termo que ele ama. No que se refere a isso, Reclus afasta-se de um certo número de pensadores socialistas, até mesmo de seus próprios epígonos como Patrick Geddes (1854-1932) ou Lewis Mumford (1895-1990).

REPARTIÇÃO DOS HOMENS
O *HOMEM E A TERRA*

RENOVAÇÃO DE UMA CIDADE

Élisée Reclus



REPARTIÇÃO DOS HOMENS
O HOMEM E A TERRA

Élisée Reclus

HORROR E ESPLENDOR DAS CIDADES
IMIGRAÇÃO DOS CAMPONESES – REPARTIÇÃO
DAS CIDADES – REDE DE ETAPAS
CRESCIMENTO NORMAL E ANORMAL
ORIGINALIDADE DAS CIDADES – CIDADES
POLÍTICAS, MILITARES, INDUSTRIAIS
ORGANIZAÇÃO URBANA – HIGIENE E ARTE
CIDADES-JARDINS.

À força de atração natural do solo, que tende a repartir normalmente os homens, a distribuí-los ritmicamente sobre toda a terra, acrescenta-se, no mundo moderno, uma força completamente oposta em aparência, aquela que agrupa centenas de milhares ou até mesmo milhões de homens em certos pontos estreitos em torno de um mercado, de um palácio, de um fórum ou de um parlamento. Cida-

des, já consideráveis no começo da era das ferrovias, tornam-se imensas cidades, montes de casas alinhadas, percorridas por uma rede infinita de ruas e ruelas, bulevares e avenidas, acima dos quais pesa, de dia, uma abóboda cinzenta de fumaça, enquanto de noite, deles eleva-se uma claridade, iluminando o céu. As antigas Babilônia, Nínive maravilharam os povos, mas quão maiores, mais complexas, mais fervilhantes de matéria humana e de máquinas prodigiosas são as Babilônias modernas, que uns amaldiçoem e que outros celebrem! Rousseau, deplorando o aviltamento de tantos camponeses que se vão perder nas grandes cidades, denomina-as "abismos da espécie humana", enquanto Herder vê nelas os "campos fortificados da Civilização". E eis como Ruskin[1] julga-as, criticando sobretudo a cidade que, em nossos dias, é a maior, não a mais feia de todas, a capital do imenso império britânico: "Ganhar dinheiro é o grande divertimento dos ingleses. Assim, vede essa enorme, essa imunda cidade de Londres, barulhenta, ameaçadora, fumegante, fedorenta, um amontoado repugnante de tijolos superaquecidos, lançando veneno por cada poro! Acreditais que essa seja uma cidade de trabalho? Não, nenhuma de suas ruas! É uma grande cidade de jogo, de um jogo muito feio, de um jogo

[1] *The Crown of the wild Olive*, pp. 31-32. Edição de 1897.

muito laborioso, mas que, contudo, não é nada além de jogo... É uma imensa mesa de sinuca sem azul, e com caçapas tão profundas quanto o abismo insondável: mas, apesar de tudo, é só uma sinuca!" É verdade, todas as vituperações dos amaldiçoadores são justificadas, mas também todas as exaltações dos glorificadores. Quantas forças vivas apagaram-se por falta de emprego, ou, então, foram entredestruídas pelo ódio nessas cidades de ar impuro, de contágios mortais, de lutas desordenadas! Mas também, não foram dessas reuniões de homens que brotaram as idéias e que geraram novas obras, que eclodiram as revoluções que livraram a humanidade das gangrenas senis? "Ela é para o mundo uma infernal aglomeração", exclama Barbier, e, de seu lado, Hugo magnifica essa mesma Paris em versos entusiastas: "Paris é a cidade mãe... aonde, para nutrir-se de idéia, vêm as gerações".

A múltipla obra das cidades, para o bem e para o mal, prefigura-se nas paixões e na vontade das pessoas fugindo do campo ou dos vilarejos para encontrar uma vida mais ampla, às vezes, o declínio e a morte, numa grande cidade. Mas sem nos ocuparmos dos bravos inovadores que se dirigem por vontade própria para tal ou qual Babilônia moderna, devemos considerar aqueles — e eles são legião — que são conduzidos aos centros populacionais e largados como aluviões que a corrente arrasta para

abandoná-los em suas praias: os camponeses expulsos de seus pedaços de terra pela conveniência de algum grande comprador ou por um capricho do senhor que transforma seus campos em pastos ou em terrenos de caça; os serviçais do campo que os citadinos chamam para o seu entorno; as nutrizes amamentando os bebês no lugar das mães; os operários, soldados, empregados e funcionários aos quais destinam uma morada na grande cidade e, de uma maneira geral, todos aqueles que, obedecendo a senhores ou, então, ao senhor mais imperioso, a necessidade econômica, aumentam forçosamente a população urbana.

É uma linguagem risível essa dos proprietários moralistas que aconselham aos camponeses para permanecerem ligados à terra, enquanto, por suas ações, desenraízam o camponês e criam-lhe condições de vida obrigando-o a fugir para a cidade. Quem suprimiu as terras comunais, quem reduziu, depois aboliu completamente os direitos de uso, quem desmatou as florestas e as landas, privando, assim, o camponês do combustível necessário? Quem cercou a propriedade para bem marcar a constituição de uma aristocracia agrária? Em seguida, quando nasceram as grandes indústrias, o proprietário fundiário não cessou de dirigir-se ao pequeno fiandeiro do campo, aos humildes fabricantes de vilarejo? E quando o camponês não teve

mais terras comunais, quando as pequenas indústrias chegaram a faltar-lhe, quando os recursos diminuíram, ao mesmo tempo que cresciam as necessidades e as ocasiões de despesa, é surpreendente que a fuga para a cidade tenha-se tornado inevitável? O senhor não se servindo mais, de uma maneira permanente, da mão-de-obra agrícola, esta é forçada a exilar-se, condenada pelo desemprego. Quando o proprietário necessita de muitos braços para a colheita ou para a vindima, ele não se dirige mais aos antigos clientes de sua terra, mas às pessoas do "exército flutuante", aos irlandeses, aos flamengos, aos "gavaches"[2], a trabalhadores desconhecidos que vêm sabe-se lá de onde, dos quais não se conhece nem o laço natal, nem a língua, nem os costumes, e que desaparecerão sem deixar vestígios.

Assim, o grande número dos imigrantes atraídos ao turbilhão das cidades obedece a uma lei mais poderosa do que sua vontade: seu capricho pessoal tem uma participação apenas secundária na força que o atraiu. Quanto à proporção relativamente pouco considerável dos fugitivos do campo que se dirigem voluntariamente para as cidades, ela decompõe-se em elementos de valor muito desigual, pois se cada um quer ali procurar seu regozijo, seu interesse, uma satisfação mais intensa de

[2] Nome pejorativo dado aos estrangeiros imigrados. (N.T.)

sua vida passional, esse ideal varia absolutamente segundo os indivíduos. Há muitos deles que se deixam levar por uma espécie de obsessão aparentemente inexplicável. Ficamos perplexos ao ver, nas montanhas do Jura, nos Pirineus ou nas Cevenas, tal casinha admiravelmente bem situada, cujo proprietário legal deixa ficar em ruína. Ela, contudo, parece ter a seu favor tudo o que precisa para se fazer amar. Ao lado da casa, sombreando o teto, ergue-se a árvore patrimonial; uma fonte de água pura brota junto de uma depressão do prado; tudo o que se avistar da soleira, o jardim, o pasto, os campos, os bosquetes, pertenciam, e ainda pertencem à família: esta é composta por dois velhos buscando empregar seu resto de força no cultivo e nas atividades do lar; mas eis que o brejo avança sobre o pasto, o mato invade as aléias e as platibandas do jardim, as colheitas diminuem ano após ano, e os tetos dos silos e celeiros caem. Quando os velhos se forem, a casa desmoronará. Mas eles não têm familiares, filhos, netos ou sobrinhos que possam continuar a obra dos antepassados assim como estes a continuaram? Eles têm um filho, é verdade, mas esse filho despreza a terra; tornou-se gendarme em alguma cidade distante, contentando-se em prender bêbados e lavrar boletins de ocorrência. Quando seus pais morrerem, ele não saberá o que fazer dos campos patrimoniais: eles serão tomados

pelo mato e algum grande senhor os comprará, ou melhor, os receberá quase gratuitamente para ampliar seu domínio de caça.

Se tais fossem as únicas causas do prodigioso crescimento das cidades, elas tornar-se-iam cancros sociais, e teríamos direito de amaldiçoá-las, como fizeram os profetas de Israel em relação à antiga Babilônia. Essas cidades que vemos crescer dia após dia, quase hora após hora, projetando como polvos seus longos tentáculos nos campos, seriam de fato monstros, gigantescos vampiros sugando a vida dos homens. Mas todo fenômeno é complexo. Se os piores, os depravados e os decadentes vão-se queimar ou apodrecer mais rápido em um meio exacerbado de prazer ou já delinqüescente, os melhores, aqueles que querem aprender e buscar oportunidades para pensar, melhorar, crescer como escritores, como artistas, até mesmo como apóstolos de alguma verdade, aqueles que se dirigem respeitosamente aos museus, às escolas, às bibliotecas, e reavivam seu ideal em contato com outros homens igualmente ávidos de coisas elevadas; estes não são também os imigrantes das cidades e não é graças a eles que o carro da civilização humana continua a avançar através das épocas? Quando as cidades crescem, a humanidade progride, quando elas diminuem, o corpo social ameaçado regride à barbárie.

Antes de termo-nos dado ao trabalho de refletir, podemos de bom grado imaginar que as cidades tenham-se distribuído ao acaso, e, de fato, inúmeros relatos mostram-nos fundadores de cidades entregando-se ao destino para a escolha da localização onde se estabelecerão as residências, onde se erguerão as muralhas protetoras: é do vôo dos pássaros, da parada de um cervo forçado a correr, do encalhe de um navio que depende a construção da cidade. A capital da Islândia, Reykjavik, nasceu assim da vontade dos deuses[3]. Em 874, quando o fugitivo Ingolf, ao avistar Islândia, lançou ao mar as imagens de madeira que representavam os ídolos do lar, ele tentou em vão segui-las: elas o abandonaram, e ele teve de fundar na praia um acampamento temporário, até que, três anos mais tarde, ele reencontrasse as imagens sagradas para junto das quais transferiu sua cidade, por sinal, tão vantajosamente bem situada quanto poderia sê-lo nesse temível "País do Gelo".

Se a Terra fosse completamente uniforme em seu relevo, na qualidade do solo e nas condições do clima, as cidades ocupariam uma posição geométrica, por assim dizer: a atração mútua, o instinto de sociedade, a facilidade das permutas as teriam feito nascer a distâncias iguais umas das outras. Tendo em vista uma região plana, sem obstáculos naturais, sem rio, sem porto, situada de uma maneira particularmente favorável, e não dividida em Estados políticos distintos, a maior cidade teria sido construída diretamente no centro do país; as cidades secundárias ter-se-iam distribuído a intervalos iguais sobre o território, espaçadas ritmicamente, e cada uma delas teria tido seu sistema planetário de cidades inferiores, tendo seu cortejo de vilarejos. A distância normal de uma jornada de marcha, tal deveria ser, sobre uma planície uniforme, o intervalo entre as diversas aglomerações urbanas; o número de léguas percorridas por um caminhante comum entre a aurora e o crepúsculo, sejam doze ou quinze correspondendo às horas do dia, constitui a etapa regular de uma cidade a outra. A domesticação dos animais, depois a invenção da roda, e, em seguida, das máquinas, modificaram, gradual ou bruscamente, as medidas primitivas: o passo da montaria, depois o giro do eixo da roda determinaram a distância normal entre as grandes reuniões de homens. Quanto aos vilarejos, sua distância média tem por medida o percurso que pode fazer o agricultor empurrando seu carrinho de mão carregado de feno ou de espigas. A água para o gado, o transporte fácil dos frutos do solo, eis o que regula a localização do estábulo, do celeiro e da cabana.

[3] Labonne, *Annuaire du Club Alpin*, 1886.

Entre as regiões povoadas há muito tempo e ainda apresentando na distribuição urbana de seus habitantes as distâncias primitivas, encontramos, na aparente desordem das cidades, uma ordem de repartição que foi, evidentemente, outrora regulada pelo passo dos caminhantes. Na "Flor do Meio", na Rússia, onde as ferrovias são uma criação relativamente recente, inclusive na França, podemos constatar a surpreendente regularidade com a qual se distribuíram as aglomerações urbanas antes que as explorações mineiras e industriais viessem perturbar o equilíbrio natural das populações[4]. Assim, a capital da França, Paris, cercou-se, rumo às fronteiras ou ao litoral do país, de cidades cuja importância só fica aquém da sua: Bordeaux, Nantes, Rouen, Lille, Nancy, Lyon. A antiga cidade fenícia, depois grega, Marselha, pertence por suas origens a uma outra fase da história diferente das cidades gaulesas, depois francesas; entretanto, sua posição harmoniza-se com as delas, pois se encontra na extremidade mediterrânea de um raio que dobraria a distância normal de Paris aos grandes planetas urbanos de sua órbita. Entre a capital e os centros administrativos de segunda ordem, fundaram-se, em intervalos sensivelmente iguais, cida-

[4] Gobert, *Le Gerotype*.

des menores, mas ainda consideráveis, separadas por uma dupla etapa, de vinte e cinco a trinta "léguas": Orléans, Tours, Poitiers, Angoulême. Enfim, a meio caminho de cada um desses centros de terceira ordem, formaram-se cidades modestas, indicando a etapa média: Etampes, Amboise, Châtellerault, Ruffec, Libourne. Assim, o viajante, atravessando a França, encontrava alternativamente uma cidade de simples repouso e uma cidade de completo reconforto: a primeira bastava ao pedestre, a segunda convinha ao cavaleiro. Em quase todas as estradas o ritmo das cidades produz-se do mesmo modo, cadência natural regulada pela marcha dos homens, dos cavalos e das carruagens.

As irregularidades da rede das etapas explicam-se todas pelas características do relevo, pelo curso dos rios, pelos mil contrastes da geografia. A natureza do solo, em primeiro lugar, determina os homens em sua escolha de uma localização para as moradas. O vilarejo só pode surgir ali onde nasce a espiga; ele afasta-se da landa ingrata, dos montes de pedregulhos, das argilas duras de escavar, e surge antes espontaneamente na proximidade das terras soltas, fáceis de lavrar, e não nas regiões baixas e úmidas, de uma fertilidade excepcional: a história da agricultura mostra, inclusive, que esses aluviões encharcados afastam o homem por sua insalubridade; eles só foram usados em cultura por esforços

coletivos, correspondendo a um período da humanidade já muito avançado.

As terras demasiado desiguais, assim como os solos muito áridos, também não atraem as populações, impedem ou retardam a fundação das cidades. Os glaciares, a neve, os ventos frios expulsam, por assim dizer, os homens dos rudes vales das montanhas: a tendência natural das cidades é fundar-se imediatamente fora da região difícil, no primeiro lugar favorável que se apresenta já na saída dos vales. Cada torrente tem sua cidade ribeirinha no campo baixo, lá onde seu leito repentinamente alargado ramifica-se em grande quantidade de filetes de água através dos pedregulhos. Cada duplo, triplo ou quádruplo confluente de vales faz nascer uma grande aglomeração, tanto mais considerável, supondo todos os outros elementos permaneçam os mesmos, quanto mais abundante é a água que escoa dos leitos convergentes. Há posição mais naturalmente indicada do que aquela de Saragoça, no meio do curso do Ebro, no cruzamento do duplo vale por onde correm o Gállego e o Huerva? E a cidade de Toulouse, metrópole do sul da França, não ocupa um local que o dedo de uma criança teria podido assinalar de antemão como um encontro de povos, o lugar onde começa a navegação fluvial, abaixo do confluente da Alta Garona, do Ariège e do Lers? Nos dois ângulos

ocidentais da Suíça, Basiléia e Genebra ergueram-se na encruzilhada das grandes vias seguidas pelos povos migratórios, e, na vertente meridional dos Alpes, todos os vales sem exceção têm à sua porta de saída uma cidade grandiosa; poderosas cidades, Milão e tantas outras, marcam os pontos de convergência, e o alto vale do Pó, constituindo os três quartos de um imenso círculo, tem por centro natural a cidade de Turim.

No curso inferior do rio, a fundação de cidades é determinada por condições análogas do meio: na ponta de terra de duas correntes ou num ponto de ramificação das três, quatro vias navegáveis ou das estradas naturais que se apresentam ao mesmo tempo, em vez das duas únicas, a montante ou a jusante. Alhures outros grupos fixam-se nas paradas necessárias: corredeiras, cascatas, desfiladeiros rochosos, onde os barcos vêm fundear, onde se fazem os transbordos de mercadorias; os estreitos dos rios, lá onde a passagem de margem a margem faz-se com facilidade, são também locais indicados para uma fundação de vilarejo ou até mesmo de cidade, se outras vantagens acrescentam-se àquela que oferece o estreitamento fluvial. Tal curva bem pronunciada de um curso d'água, aproximando seu vale de um grande centro de atividade situado numa outra bacia, pode convidar também os homens em grande número. Foi assim que Orléans

deve ter sido construída às margens do Loire, que se desenvolve mais ao norte na direção de Paris, e que Tzaritsin encontra-se no local onde o Volga aproxima-se do Don. Enfim, em cada rio, o ponto vital por excelência é o lugar, vizinho à embocadura, onde a montante vem deter e sustentar a corrente superior e onde as embarcações, conduzidas pela corrente de água doce, encontram-se naturalmente com os navios do mar vogando com o fluxo. Na organização hidrográfica, esse local de encontro pode ser assimilado ao colo de uma árvore, entre o sistema de vegetação aérea e aquele das raízes profundas, é a forma normal do grande porto europeu sobre os mares de maré: Hamburgo ou Londres, Antuérpia ou Bordeaux.

Os recortes do litoral também têm influência sobre a repartição das cidades. Certos litorais arenosos inflectidos só durante os raros dias de calmaria, inabordáveis aos navios, são na medida do possível evitados pelo homem do interior tanto quanto pelo marinheiro que se aventura no oceano. Assim, o litoral de 220 quilômetros de extensão, que se apresenta em linha reta do estuário da Gironda à boca do Adour, só tem a pequena cidade de Arcachon, simples local de banho e de férias, situada atrás da praia, dentro da muralha formada pelas dunas do cabo Ferret. Do mesmo modo, os formidáveis cordões litorâneos que bordejam as Carolinas, ao longo do Atlântico, não dão acesso, entre Norfolk e Wilmington, senão a pobres burgos mantendo com grande dificuldade um perigoso tráfego. Em outras regiões costeiras, as ilhas e ilhotas, os rochedos, os promontórios, as penínsulas, multiplicando os mil despedaçamentos e fendas dos escarpamentos, impedem igualmente o nascimento das cidades, malgrado as vantagens que apresentam as águas profundas e bem abrigadas. A violência de uma natureza demasiado atormentada não permite senão a um pequeno número de homens agrupar-se ali à vontade. As paisagens mais favoráveis são aquelas onde o litoral, sob um clima temperado, é acessível simultaneamente de fora e de dentro aos veículos de todos os tipos, navios e carroças.

Por contraste com o litoral retilíneo das Landes, quase desprovido de cidades e vilarejos, podemos citar o litoral do Mediterrâneo languedociano entre o delta do Rhône e a boca do Aude. Nessa região, os centros populacionais consideráveis aproximam-se mais do que no resto da França, conquanto a densidade populacional não ultrapasse a média do conjunto do território. A explicação desse colar de cidades deve ser buscada na disposição geográfica da região. A estrada que os homens da Itália seguiam para dirigir-se à Espanha ou à Aquitânia evitava igualmente as montanhas ab-ruptas do interior e os pântanos, os lagos sali-

nos, as embocaduras fluviais da costa. A parte alta, ab-rupta, muito fracamente povoada, quase inospitaleira, que limita ao sul o paredão das Cevenas, começa na própria vizinhança do mar, e, por conseqüência, o movimento da história encontrou-se relegado à estrada do litoral mediterrânico. Por outro lado, o comércio devia buscar lugares de acesso na embocadura dos rios, aquela do Aude ou do Hérault, ou, então, numa ansa protegida artificialmente por quebra-mares. Foi pelo efeito desses atrativos que nasceram Narbonne, que teve seu período de potência mundial quando foi a mais populosa das Gálias; Béziers, que foi próspera no tempo dos fenícios e que ainda é um dos grandes mercados agrícolas da França; Agde, a cidade grega, à qual sucedeu em importância Cette, outra cidade de origem helênica; Montpellier, a capital intelectual do sul, onde os sarracenos e os judeus foram os precursores do Renascimento. Para além, as cidades uma vez mais aproximam-se umas das outras, e a antiga Nîmes, assentada na borda de sua fonte, liga-se com o curso do Rhône pelas três cidades de Avignon, Beaucaire e Arles.

Todas as condições da natureza, agrícolas, geográficas, climáticas, influem para bem ou para mal no desenvolvimento das cidades. Cada vantagem aumenta sua força de atração, cada desvantagem as diminui. A grandeza dos grupos urbanos

mede-se exatamente pela soma dos privilégios naturais, admitindo, evidentemente, que a ambiência histórica seja identicamente a mesma. Duas cidades, uma da África, a outra da Europa, encontrando-se em condições similares, serão contudo muito diferentes, porquanto a evolução da história circundante difere para cada uma delas: no entanto, haverá paralelismo em seus destinos. Por um fenômeno análogo àquele das perturbações astrais, dois centros urbanos próximos influenciam-se mutuamente, seja para desenvolver-se juntos quando seus interesses completam-se, tais Liverpool, a comerciante, e Manchester, a manufatureira, seja para prejudicar-se quando os privilégios são da mesma ordem: é assim que, próximo a Bordeaux, banhada pelo rio Garonne, a cidade de Libourne, situada do outro lado de "Entre-deux-Mers", à margem do rio Dordonha, teria podido prestar ao tráfego serviços quase idênticos, mas a vizinhança da primeira causou mal à segunda; esta, devorada por sua rival, e perdendo aproximadamente todo o seu valor marítimo, passa a ter importância só como lugar de etapa continental.

É preciso constatar também esse fenômeno extraordinário que a força geográfica pode, como aquela do calor ou da eletricidade, transportar-se à distância, agir longe de sua fonte e fazer surgir por contragolpe uma cidade num local que motivos

diversos tornam preferível ao lugar de origem. Podemos citar como exemplo três dos portos do Mediterrâneo onde os deltas fluviais criam condições especiais para as cidades comerciais: Alexandria, que, malgrado seu afastamento da corrente nilótica, não deixa de ser o entreposto comercial de toda a bacia; Veneza, o porto da planície padana; e Marselha, aquele do vale do Ródano. Distante vinte quilômetros da embocadura do Dnieper, Odessa vigia o tráfego.

Depois das vantagens do clima e do solo, aquelas do sub-solo exercem, às vezes, uma influência decisiva. Tal cidade nasce bruscamente num local desfavorável na aparência, graças à riqueza subterrânea da região em pedras para a construção, em argilas para modelar ou esculpir, em substâncias químicas, em metais de todos os tipos, em combustíveis minerais. Assim nasceram Potosi, Cerro de Pasco, Virginia City, em regiões onde nunca, sem a presença dos veios de prata, uma cidade teria sido fundada; Merthyr Tydfil, Le Creusot, Essen, Liège, Seranton são criações da hulha. Todas as forças naturais, outrora inutilizadas, fazem nascer novas cidades precisamente nos lugares que eram outrora evitados, seja ao pé das cataratas, como Ottawa, seja nas montanhas, ao alcance dos cabos que distribuem a eletricidade, como nos vales da Suíça. Cada conquista do homem cria

pontos vitais em locais imprevistos, assim como cada novo órgão dá-se centros nervosos correspondentes. Que mudança rápida na repartição das cidades quando o homem tornar-se senhor da aviação, da aeronáutica! Assim como busca agora no litoral lugares favoráveis para expedir e receber os navios, assim também ele se sentirá naturalmente conduzido como a águia aos altos cumes de onde seu olhar abarcará o infinito do espaço.

À medida que cresce o domínio da humanidade consciente e que as atrações fazem-se sentir num espaço mais extenso, as cidades pertencentes a um organismo mais vasto podem acrescentar às vantagens especiais, causa de seu nascimento, privilégios de uma natureza mais geral que lhes asseguram um papel histórico de maior importância. Foi assim que Roma, Paris, Berlim, como vimos, não cessaram de adquirir, em seu próprio crescimento, novas causas de crescimento[5]; e não podemos dizer o mesmo de Londres, atualmente a maior cidade do mundo? A principal razão de sua prosperidade, a situação do porto, à frente da navegação marítima no Tâmisa, pôs a cidade, tornada capital do Reino Unido, em condição de beneficiar-se de outras vantagens que, sem isso, teriam permanecido em potência, mas sem nunca se realizar.

[5] J. G. Kohl, *Die geographische Lage der Hauptstadte Europas*.

Assim, de progresso em progresso em relação ao conjunto do mundo, Londres acabou por tornar-se o ponto central que, de todas as extremidades do globo, pode-se em média alcançar mais facilmente.

No desenvolvimento das cidades, ocorre com muita freqüência que o crescimento ou o decrescimento desses grandes organismos realize-se por um movimento muito irregular, por solavancos que evoluções rápidas da história determinam. Assim, para utilizar uma vez mais o exemplo de Londres, vemos que, na origem, as vantagens locais dessa cidade, embora tendo uma certa importância, não eram absolutamente de natureza a conceder-lhe a posição que ela adquiriu entre as outras cidades. É verdade, sua posição, numa planície bem limitada ao norte por colinas protetoras, às margens de um grande rio e no confluente de um riacho, no próprio local onde o vaivém da maré facilitava a alternância da navegação, o embarque e o desembarque das mercadorias, todas essas condições eram das mais favoráveis a Londres para fazê-la prevalecer em sua luta de existência com as outras cidades da Inglaterra; mas esses privilégios locais só adquiriram seu verdadeiro valor quando os romanos escolheram essa posição para dela fazer o centro de convergência dos caminhos traçados em todos os sentidos na metade meridional da grande ilha. A Roma britânica devia erguer-se no local escolhido

como centro da rede. Mas quando as legiões romanas tiveram de abandonar Albion, e quando todas as "estradas altas", *high streets*, construídas entre os postos militares e o porto da região, foram abandonadas, Londinium perdeu por isso mesmo toda a sua importância, e não foi nada mais que uma simples cidade da Bretanha, reduzida, como tantas outras, às suas vantagens puramente locais; e, durante duzentos anos, ela permaneceu completamente ignorada pela história[6]. Foi preciso que as relações restabelecessem-se com o continente para que a posição de Londres recuperasse seu valor.

Os favores administrativos, o apelo dos cortesãos e cortesãs, dos funcionários, dos policiais, dos soldados e a multidão interessada que se aglomera em torno dos "dez mil de cima" dão às capitais um papel demasiado distinto para que convenha estudá-los como tipos de grupo urbano: seu desenvolvimento é factício em grande parte. Podemos refletir melhor em relação à vida das cidades que devem sua história quase unicamente ao meio geográfico. Nenhum trabalho é mais frutífero para um homem estudioso do que a biografia de uma cidade cujo aspecto, ainda melhor do que os anais, permite constatar *in loco* as sucessivas mudanças

[6] Gomme, *Village Communities*, pp. 48, 51; Green, *The Making of England*, p. 118.

acontecendo século após século, seguindo um certo ritmo. Vemos surgir pelos olhos do espírito a cabana do pescador e aquela de seu vizinho jardineiro; duas ou três fazendas ocupavam, então, o campo, um moinho girava sua roda sob o peso da água que caía. Mais tarde, uma torre de vigilância surgiu na colina. Do outro lado do rio, na praia que a proa da balsa vinha abordar, construiu-se uma nova cabana; um albergue, um comércio atraíram os passantes e os viajantes para perto da casinha do barqueiro, em seguida um mercado estabeleceu-se sobre o terraço nivelado da vizinhança. Uma via, cada vez mais largamente traçada pelos passos do homem e dos animais, desceu da planície ao rio, enquanto uma senda sinuosa feriu a colina; futuras estradas começaram a mostrar-se sobre a grama pisada dos campos, e casas apoderaram-se dos quatro ângulos da encruzilhada. O oratório tornou-se igreja, a torre de vigilância fez-se praça-forte, caserna ou palácio; o povoado transformou-se em vila e depois em cidade.

A verdadeira maneira de estudar uma aglomeração urbana, tendo vivido uma longa existência histórica, é visitá-la em detalhe conformemente aos fenômenos de seu crescimento. É preciso começar pelo local que quase sempre a lenda sagrou, onde foi seu berço, e terminar por suas fábricas e seus monturos.

Cada cidade tem sua individualidade particular, sua própria vida, sua fisionomia, trágica ou dolente para umas; alegre, espiritual para as outras. As gerações que se sucederam deixaram-lhe seu caráter distintivo; ela constitui uma personalidade coletiva cuja impressão sobre o ser isolado é ruim ou boa, hostil ou benevolente. Mas a cidade também é uma personagem muito complexa, e cada um de seus diversos bairros distingue-se dos outros por uma natureza particular. O estudo lógico das cidades, ao mesmo tempo em seu desenvolvimento histórico e no aspeto moral de seus edifícios públicos e privados, permite julgá-los como se julgaria indivíduos: constatamos qual é a dominante de seu caráter e até que ponto, na complexidade de suas influências, elas foram úteis ou funestas ao progresso das populações que se encontraram em seu raio de atividade. Há cidades que vemos, de início, consagradas ao trabalho, mas que podem singularmente contrastar entre si, segundo o funcionamento normal ou patológico dado às indústrias locais, que elas desenvolvam-se em condições de paz, de igualdade relativa e de tolerância mútua, ou, então, que elas sejam arrastadas no turbilhão de uma furiosa concorrência, de uma especulação caótica e de uma exploração feroz da classe dos proletários. Outras cidades mostram-se à primeira vista banais, burguesas, rotineiras, sem originali-

dade, sem vida; outras foram construídas para a dominação, para o esmagamento dos países circundantes: são instrumentos de conquista e opressão; ao vê-las, experimentamos um sentimento de temor ou horror espontâneo. Outras ainda, de aspecto sempre velho, inclusive em suas partes modernas, são lugares de sombra, de mistério ou de medo, onde nos sentimos penetrados por sentimentos de outra época, enquanto há cidades eternamente jovens que incitam à alegria, onde o mínimo madeiramento adquire um aspecto original, onde as casas são alegres, como os habitantes de aparência poética, acrescentando sua própria vida àquela do homem. Enfim, quantas cidades de faces múltiplas onde cada classe da sociedade encontra bairros que lhe parecem e cujas atitude e linguagem são modificadas muito lentamente pelos séculos! Quantos lugares lamentáveis ante os quais desejaríamos chorar!

Os contrastes mostram-se claramente no modo de crescimento que cada cidade apresenta. Segundo a importância da direção de suas trocas por terra, esta projeta seus subúrbios, como tentáculos, ao longo das estradas; assim, também, aquela que margeia um rio, continua ao longe na margem, diante dos locais de ancoragem e desembarque. Somos amiúde surpreendidos pela estranha desigualdade que apresentam dois bairros ribeirinhos,

parecendo ambos bem situados para a residência do homem: a causa dessa diferença é explicada pela direção do movimento fluvial. Assim, a localização de Bordeaux logo sugere a idéia de que o verdadeiro centro do círculo habitado deveria encontrar-se na margem direita do rio, no local onde foram construídas as casas do pequeno subúrbio de Bastide; mas o Garonne, descrevendo uma poderosa curva, ladeia com suas águas vivas o cais da margem esquerda; é, pois, do lado de onde se lança o verdadeiro rio que também deve se dar o fluxo comercial, a atividade política. A população segue a marcha das águas e afasta-se dos bancos lodosos da margem direita. O monopólio fez o resto apoderando-se do subúrbio para cercá-lo de trilhos e barreiras em círculos entrecruzados e, para enfeá-lo, hangares e armazéns.

Sustentou-se sempre que as cidades têm uma tendência a crescer incessantemente para o oeste. Esse fato que pode ser constatado em muitos casos é muito bem compreensível nas regiões da Europa ocidental e naquelas que têm um clima análogo, porquanto nesses países o lado ocidental é aquele de onde o vento sopra com mais freqüência. Os habitantes que se estabelecem nos bairros voltados para o ar livre têm menos a temer as enfermidades do que as pessoas que moram na outra extremidade das cidades, suportando um vento carregado de im-

purezas trazidas das chaminés, dos bueiros e dos milhares ou milhões de seres humanos. Além disso, não devemos esquecer que os ricos, os ociosos, os artistas, que podem gozar plenamente da contemplação do céu, têm muito mais a possibilidade de admirar as belezas do crepúsculo do que aquelas da aurora: eles acompanham inconscientemente o movimento do sol em sua direção do leste para o oeste, e, ao cair da noite, deleitam-se vendo-o descer nas nuvens resplandecentes. Mas quantas exceções nesse crescimento normal das cidades seguindo a marcha do sol! A forma e o relevo do solo, a atração das belas paisagens, a direção das águas correntes, os bairros parasitários surgidos das necessidades da indústria e do comércio têm freqüentemente por efeito desviar os homens de riqueza e ócio para outras partes da cidade diferentes da parte ocidental. Bruxelas e Marselha são dois exemplos dessa divergência do tipo normal.

Pelo fato de seu próprio desenvolvimento, a aglomeração urbana, assim como todos os organismos, tende a morrer. Obedecendo às condições do tempo, ela já se encontra velha quando surgem outras cidades impacientes de viver por sua vez. Sem dúvida, ela conserva, apesar de tudo, algumas condições de duração, graças à força de inércia comum daqueles que a habitam, graças à rotina e à força de atração que todo centro exerce sobre o

círculo dos arredores; mas, sem contar os acidentes mortais que podem golpear as cidades tanto quanto os homens, cada pessoa urbana não rejuvenesce, não se refaz incessantemente senão sob a condição de despender uma soma de esforços cada vez mais considerável, e, amiúde, ela recua ante essa constante necessidade. A cidade deve alargar suas ruas e suas praças, reconstruir, deslocar ou destruir suas muralhas, substituir velhas construções, doravante sem finalidade, por edifícios que respondam às suas novas necessidades.

Enquanto uma cidade da América nasce completamente acomodada a seu meio, Paris, envelhecida, saturada, suja, deve reconstituir-se todos os dias, e, na competição das existências, esse labor contínuo cria-lhe uma grande inferioridade em relação às novas cidades como Nova York e Chicago. Tal é a razão pela qual, nas bacias do Eufrates e do Nilo, imensas cidades como Babilônia, Nínive, Cairo mudaram sucessivamente de lugar. Embora conservando, ao menos em parte, sua importância histórica, graças às vantagens do lugar, cada uma dessas cidades devia abandonar seus bairros caducos e deslocar-se para mais longe, para evitar os escombros e, com freqüência, também, as pestilências, emanadas dos monturos de imundícies; geralmente o local abandonado das cidades que se deslocam é ocupado por túmulos.

Outras causas de morte, mais decisivas porque têm por fundamento o próprio desenvolvimento da história, golpearam muitas cidades outrora famosas: circunstâncias análogas àquelas que a fizeram surgir, tornaram sua destruição inevitável. Assim, a substituição de uma estrada ou de uma encruzilhada por outras vias mais favoráveis pode suprimir, em conseqüência, a cidade que os transportes haviam criado. Alexandria arruinou Pelusa, Cartagena de Las Indias devolveu Puerto Bello à solidão das florestas. A atração do comércio e a repressão à pirataria mudaram de lugar muitas cidades construídas no litoral rochoso do Mediterrâneo. Outrora elas estavam instaladas em ab-ruptas colinas e cercadas por espessas muralhas para defender-se dos senhores e dos corsários; agora elas desceram de suas rochas e exibem-se amplamente à beira-mar: em toda a parte o *borgo* tornou-se *marina*; à Acrópole sucede o Pireu.

Em nossas sociedades autoritárias onde as instituições políticas amiúde deram à vontade de um único uma influência preponderante, aconteceu que o capricho de um soberano instalasse cidades em locais onde elas não teriam absolutamente nascido espontaneamente. Tendo sido fundadas em locais contranaturais, elas só puderam desenvolver-se ao custo de enorme desperdício de forças vivas. Assim foram construídas, a alto custo,

Madri, Petersburgo, cujos *casines* e povoados primitivos deixados à própria sorte, sem Carlos V nem Pedro I, jamais teriam se tornado cidades populosas como hoje o são. No entanto, conquanto criadas pelo despotismo, elas devem ao trabalho associado dos homens viver como se tivessem uma origem normal; não destinadas pelo relevo natural do solo a tornar-se centros, elas, contudo, o são graças à convergência das estradas, dos canais, das ferrovias, das correspondências, das trocas intelectuais. Pois a geografia não é algo imutável; ela faz-se, refaz-se todos os dias: a cada instante modifica-se pela ação do homem.

Agora não se cita mais um César construtor de capitais; grandes capitalistas ou especuladores, presidentes de sindicatos financeiros sucederam-lhe como fundadores de cidades. Vemos as construções erguerem-se em alguns meses sobre uma considerável extensão com um esplêndido equipamento, uma maravilhosa planificação; até mesmo as escolas, as bibliotecas e os museus não deixam de estar presentes. Se a escolha das localizações é favorável, as novas criações são absorvidas no movimento geral da vida, e Le Creusot, Crewe, Barrow-on-Furness, Denver, La Plata assumem importância entre os centros populacionais; mas o lugar foi mal escolhido, as cidades morrem com os interesses particulares que lhes deram origem: Cheyenne City, ces-

sando de ser a estação final de uma ferrovia, desloca suas casinhas mais à frente da via férrea, e Carson City desaparece quando se esgotam as minas de prata que agrupara os habitantes nesse pavoroso deserto. Por sinal, se o capricho do capital tenta às vezes fundar cidades que os interesses gerais da sociedade condenam a perecer, ele também destrói inúmeros grupos de populações que só queriam viver. Não vemos, nas cercanias de muitas importantes cidades, grandes banqueiros e proprietários de terras aumentando todo ano seu domínio em centenas de hectares, mudando metodicamente as culturas para plantações ou parques para faisões ou grandes caças, e destruindo todos os lugarejos e vilarejos para substituir-lhes espaçadamente por algumas casinhas de guardas?

Entre as cidades que são semi ou mesmo completamente factícias e que não respondem às necessidades reais das sociedades trabalhadoras abandonadas à própria sorte, devemos também citar as praças de guerra, ao menos aquelas que em nossos dias os grandes Estados centralizados mandam construir. Não era assim quando a cidade continha toda a tribo ou formava o núcleo natural da nação: naquele momento, era-lhe necessário proteger-se construindo muralhas que acompanhavam exatamente o perímetro dos bairros e erguiam em seus ângulos torres de vigilância. Naquela época, a cida-

dela, onde todos os cidadãos refugiavam-se em caso de perigo supremo, nada mais era que o templo, erigido no alto da colina guardiã, o monumento tornado sagrado pelas estátuas dos deuses. As cidades que constituíam um duplo organismo como Atenas, Megara, Corinto deviam proteger inclusive a estrada intermediária por longos muros paralelos.

O conjunto das fortificações, explicando-se pela natureza do solo, adquiria na paisagem um aspecto harmonioso e pitoresco. Todavia, em nossos dias de extrema divisão do trabalho, em que a força militar tornou-se praticamente independente da nação, e nenhum civil pode ingerir-se dando sua opinião em matéria estratégica, a maioria das cidades fortificadas tem contornos completamente desgraciosos, sem qualquer harmonia com as ondulações do solo, cortando a região segundo traçados ofensivos ao olhar. Ao menos os engenheiros italianos do Renascimento, depois Vauban e seus concorrentes, tentavam desenhar o perfil de suas praças fortificadas segundo uma simetria perfeita: algumas dessas construções, apresentando o aspecto de cruz estrelada com raios e gemas, contrastam regularmente, pelos muros brancos de seus bastiões e redentes, com a calma placidez dos campos sombrosos. Mas nossas praças modernas já não têm a ambição de fazer-se belas: essa preocupação

não existe no espírito dos construtores. Basta olhar a planta das cidades fortificadas para vermos, com efeito, que elas são feias, horríveis, em completo desacordo com seu meio. Longe de desposar os contornos da região, prolongar livremente seus braços nos campos, a praça de guerra é como se fosse amputada de seus membros, atingida em seus órgãos essenciais. Basta constatarmos a triste forma exterior adquirida por cidades como Estrasburgo, Metz, Lille! Esta última encontrou-se de tal forma espremida em suas muralhas que teve, por assim dizer, de ressurgir fora da zona de domínio militar. Roubaix e Tourcoing dobram a aglomeração fortificada e, hoje, busca-se reagrupar os três elementos num todo harmonioso por meio de largos bulevares.

Malgrado a beleza de alguns edifícios, a graça de seus passeios, a atração de sua população, Paris é também uma das cidades que a brutal muralha enfeia. Liberta dessa desagradável oval em linhas quebradas, o organismo ter-se-ia desenvolvido de uma maneira estética e racional, teria adquirido uma forma elegante dada pela vida.

Uma outra causa de feiúra em nossas cidades modernas provém da invasão das grandes indústrias manufatureiras. Quase toda aglomeração urbana é assombrada por um ou vários subúrbios, repletos de chaminés fétidas, atravessados de ruas

obscuras: imensas construções ladeiam-nas, cegas ou perfuradas de inumeráveis janelas de repugnante simetria. O solo treme sob o esforço das máquinas em movimento, sob o peso dos caminhões e dos trens de mercadorias. Quantas cidades, sobretudo na jovem América, onde o ar é quase irrespirável, onde tudo o que se vê, o solo, as estradas, os muros, o céu, exala lama e carvão! É possível recordar sem horror e repugnância de uma aglomeração mineira, como essa interminável e sinuosa Seranton, onde seus setenta mil habitantes não têm nem mesmo um hectare de grama enlameada e de folhagens enegrecidas para consolar os olhos de todo o horror da fábrica? E a enorme Pittsburg, com sua coroa semicircular de elevados subúrbios que ardem e fumam, como imaginá-la sob uma atmosfera mais suja, ainda que, segundo os autóctones, ela ganhou em limpeza das ruas e em claridade dos horizontes desde a introdução do gás natural nas fábricas? Outras cidades, menos obscuras, são apenas menos horríveis por causa das companhias ferroviárias que se apoderaram das ruas, das praças, dos passeios e que fazem fungar e assobiar suas locomotivas esmagando a multidão em seu percurso. Algumas das mais belas paisagens da Terra foram desonradas: assim, é em vão que em Buffalo o passeante tentaria seguir a margem do admirável rio Niágara, através de atoleiros, cruza-

mentos de linhas, canais lodosos, monturos de cascalhos e lixo e todas as imundícies da cidade.

Uma bárbara especulação enfeia também as ruas por meio de seus loteamentos de terrenos, nos quais os empreendedores constroem vastos bairros, ordenados de antemão por arquitetos que nem sequer visitaram os locais, e menos ainda se deram ao trabalho de interrogar os futuros habitantes; erguem aqui uma igreja ogival para os episcopais, alhures, uma construção romana para os presbiterianos, mais longe, uma espécie de panteão para os batistas, traçam suas ruas em quadrados e losangos, variam bizarramente o desenho geométrico das praças e o estilo das casas, conservando religiosamente os cantos mais interessantes para os comércios de bebidas funestas. Cidades factícias, construídas sobre um tipo banal e manifestando-se sempre por algum aspecto da insolência faustuosa dos construtores!

De qualquer modo, toda nova cidade logo consegue, pela própria justaposição das moradas, constituir um organismo coletivo, do qual cada célula individual busca desenvolver-se em perfeita saúde, condição inicial da saúde do conjunto. A história está aí para ensinar que as enfermidades de uns acarretam aquelas dos outros, e que é perigoso para os palácios deixar a peste devastar os casebres. Nenhuma municipalidade ignora de que importância seria um completo saneamento da cidade pela limpeza das ruas, abertura de praças gramadas e floridas, sombreadas por grandes árvores, rápida coleta de todas as imundícies e distribuição da água pura em abundância em todos os bairros e em todas as casas. Em relação a isso, as cidades dos países mais avançados estão em rivalidade pacífica para pôr em prática ou experimentar procedimentos particulares de limpeza e conforto. É verdade que as cidades, assim como os Estados, têm governantes incitados por seu próprio meio a ocupar-se sobretudo de seus interesses privados; mas já é muito saber o que convém fazer para que os organismos urbanos funcionem um dia mecanicamente, para a aquisição de provisões, a circulação das águas puras, do calor, da luz, das forças, do pensamento, a constante repartição do equipamento e a expulsão das matérias tornadas inúteis ou funestas. Esse ideal ainda está bem longe de ser realizado; ao menos, inúmeras cidades já se tornaram bastante salubres para que a vida média ultrapasse aquela de boa parte do campo, cujos habitantes aspiram continuamente o odor das imundícies e dos estercos, e permanecem na ignorância primitiva de toda higiene.

A consciência da vida urbana também se manifesta pelas preocupações com a arte. Como Atenas, outrora, como Florença, Nuremberg e as ou-

tras cidades livres da Idade Média, cada uma de nossas cidades modernas trata de fazer-se bela: não há nem mesmo um humilde vilarejo que não se dê um campanário, uma coluna ou uma fonte esculpida. Arte muito triste e muito entediante, em geral, essa arte manipulada por professores diplomados, sob a vigilância de uma comissão de incompetentes, tanto mais pretenciosa quanto mais ignorante é. A arte real é sempre espontânea e não se contenta absolutamente com os alinhamentos impostos pelo traçado urbano. Os pequenos espíritos, como há tantos nos conselhos municipais, procedem amiúde à maneira desses Mummius que de bom grado ordenariam a seus soldados para repintar os quadros deteriorados; eles pensam que pela simetria alcançarão a beleza, e que reproduções idênticas darão às suas cidades Partenon e São Marcos. Não temos na Europa uma cidade que suas próprias construções tornam banal por excelência, a vasta Munique, que contém tantas e tão escrupulosas imitações de monumentos gregos e bizantinos, obras-primas às quais faltam o meio, a atmosfera, o solo e os homens?

Conquanto os copistas conseguissem fazer surgir monumentos em tudo semelhantes àqueles que lhes serviram de modelos, ainda assim não deixariam de produzir um trabalho contranatural, pois um edifício não pode ser compreendido sem as

condições de espaço e tempo que o fizeram nascer. Cada cidade tem sua própria vida, suas características, sua fisionomia particular: com que veneração os construtores devem aproximar-se delas! É um atentado contra a personalidade coletiva constituída pela cidade retirar-lhe sua originalidade para cobri-la de construções banais ou monumentos contraditórios a seu papel atual ou a seu passado! A grande arte é transformar a nova cidade para adaptá-la às necessidades do trabalho moderno, conservando tudo o que ela teve de pitoresco, curioso ou belo nos séculos passados; é preciso saber conservar-lhe a vida e devolver-lhe a salubridade e a utilidade perfeitas, assim como mãos dedicadas restabelecem a saúde de um enfermo. É assim que, na cidade de Edimburgo, homens de inteligência, simultaneamente artistas e pesquisadores, tomaram a iniciativa de restaurar a admirável rua dita High-Street, que desce do castelo ao palácio de Holyrood, unindo as duas células-mãe da antiga cidade. Abandonada de repente, quando da partida para a Inglaterra do rei Jaime, pelos parasitas da corte, camaristas, militares, mundanos, fornecedores e gente da lei, essa avenida de ricas residências mudaram de habitantes: os pobres haviam feito delas suas moradas, adaptando da melhor maneira que podiam as vastas salas, dividindo-as por divisórias grosseiras. Dois séculos após a deserção dessa rua,

ela tornara-se um conjunto de pardieiros de pátios nauseabundos, de edículas invadidas pelas lebres; a população, portando andrajos imundos, sempre sujos de lama, compunha-se em grande parte de enfermos, escrofulosos e anêmicos. Aos vícios elegantes da corte sucederam-se os vícios em toda a sua hediondez pública. Foram essas pavorosas sentinas o objeto do ataque dos restauradores, que transformaram gradualmente cada casa, restabelecendo as escadas de largos corrimãos e as salas de chaminés monumentais, introduzindo em toda a parte, em grandes lufadas, ar puro e luz, levando a água em abundância à mínima mansarda, acrescentando baixos-relevos e ornamentos às paredes nuas do edifício. O pitoresco das construções é mantido com respeito, até mesmo aumentado por torres, coruchéus, belvederes, mas sem o horrível acompanhamento do lixo e do fedor; a rua outrora guarnecida de trapos tem agora suas sacadas decoradas de flores e folhagens. A cidade ressurge em seu novo frescor, assim como, num jardim, a flor torna a brotar do pé sem que uma violenta ação tenha revolvido o solo em torno da haste inicial.

Todavia, numa sociedade na qual os homens não têm assegurado o pão, na qual os miseráveis e, inclusive, os famélicos ainda constituem uma forte proporção dos habitantes de cada grande cidade, é só um bem parcial transformar os bairros insalubres,

se os infelizes que outrora os habitavam encontram-se expulsos de seus antigos casebres para irem procurar outros no subúrbio e levar para mais ou menos longe suas emanações infectas. Fossem os edis de uma cidade, sem exceção, homens de um gosto perfeito; ainda que cada restauração ou reconstrução de edifício fizesse-se de uma maneira irrepreensível, nem por isso todas as nossas cidades deixariam de oferecer o deplorável e fatal contraste do luxo e da miséria, conseqüência necessária da desigualdade, da hostilidade que separam em dois o corpo social. Os bairros suntuosos, insolentes, têm por contrapartida casas sórdidas, ocultando por trás de seus muros exteriores, baixos e deteriorados, pátios gotejantes, montes repugnantes de pedregulho, miseráveis assoalhos de ripas. Mesmo nas cidades cujos administradores buscam encobrir hipocritamente todos os horrores mascarando-os por cercas decentes e embranquecidas, a miséria não deixa de transpassar: sente-se que lá atrás a morte realiza sua obra mais cruelmente do que alhures. Qual é, entre nossas cidades modernas, aquela que não tem seu *Whitechapel* e sua *Mile End road*? Por mais bela, por mais grandiosa que uma aglomeração urbana possa ser em seu conjunto, ela tem sempre seus vícios aparentes ou secretos, sua tara, sua enfermidade crônica, provocando irrevogavelmente a morte, se não se consegue restabele-

cer a livre circulação de um sangue puro em todo o organismo.

Quantas cidades ainda estão distantes desse tipo de salubridade e de estética futuras! Um diagrama, publicado no anuário de Petersburgo para o ano 1893, dá um surpreendente exemplo do consumo de vidas humanas por essa capital: partindo do ano 1754, época em que a população de Petersburgo era de 150.000 indivíduos, a curva de crescimento eleva-se em 126 anos a 950.000 pessoas, enquanto a curva da população hipotética, calculada segundo a mortalidade e sem levar em conta os imigrantes, desce a 50.000 abaixo de zero. A natalidade só ultrapassa um pouco a mortalidade a partir de 1885, ano da grande limpeza. E, no mundo, quantas cidades, Budapeste, Lima, Rio de Janeiro, ainda estariam em vias de rápida decadência se a gente do campo não fosse preencher os vazios deixados pelos mortos! Se os parisienses debilitam-se após duas ou três gerações, não é o odor pernicioso da cidade que é a causa? Se os judeus poloneses são reformados como conscritos em número maior que os jovens das outras nacionalidades, a culpa não é, uma vez mais, das cidades nas quais eles vegetam pobremente no *ghetto*?

E quantas aglomerações cujo céu parece estar encoberto por um véu fúnebre! Ao penetrar em uma cidade fumegante tal como Manchester ou Seraing, Essen, Le Creusot ou Pittsburg, julgar-se-á amplamente se as obras dos liliputianos humanos não bastam a esmaecer a luz, a profanar a beleza da natureza. Ora, uma fraquíssima quantidade de carvão escapado da combustão, um véu contínuo de uma fração de milímetro de espessura[7] é suficiente, sobretudo se ela associa-se a neblinas, para contrabalançar a luz solar. A atmosfera opaca que às vezes pesa sobre a cidade de Londres é célebre com justa razão.

Por sinal, o saneamento dos centros urbanos concerne a muitos outros problemas além daquele da fumaça, em suma, de fácil resolução. O sistema de evacuação de fossas e lixos domésticos, a depuração das águas de esgoto, seja por procedimentos químicos, seja por seu emprego racional na agricultura, estão longe de ter recebido soluções felizes ou aceitáveis, e, inclusive, muitas municipalidades parecem não se inquietar com essas questões. A escolha de um solo de rolamento que não produza poeira nem lama, a organização eficaz dos transportes em comum têm também sua influência sobre a saúde geral.

Inumeráveis indícios mostram que o movimento de fluxo que conduz às cidades a população

[7] Charles Dufour, *Bulletin de la Société Vausoise des Sciences Naturelles*, junho-setembro de 1895, p. 145.

do campo pode parar e, inclusive, transformar-se em um movimento de refluxo. De início, a carestia dos aluguéis urbanos conduziu naturalmente os trabalhadores a deslocarem-se para os subúrbios, e os capitães de indústria só podiam favorecer o êxodo, pois deveria ocorrer uma baixa no preço da mão-de-obra. A bicicleta, os bondes em serviço matinal, os trens operários permitiram a milhares de operários e pequenos empregados instalar-se com algum benefício pecuniário numa atmosfera menos carregada de ácido carbônico. Assim, na Bélgica, as comunas rurais de um grande número de distritos conservaram sua população graças à extensão dos "cupons semanais". Em 1900, não existiam menos de 150.000 operários que residiam à noite e aos domingos em seus vilarejos, dirigindo-se todos os dias da semana ao trabalho, a uma distância que chegava aos 50 quilômetros — abono semanal de 2,25 francos —, numa fábrica ou manufatura de alguma cidade distante. Mas a solução é ambígua, pois o chefe de família esgota-se em longos percursos, em refeições ruins, em repousos noturnos curtos, e, de resto, a falta de saneamento dos vilarejos provoca os mesmos problemas das cidades[8].

[8] Emile Vandervalde, *L'exode rural*.

Não é tudo: a eletricidade, que fornece a água corrente, tende a substituir o carvão e a dispersar as fábricas ao longo dos cursos d'água. Foi assim que a cidade de Lyon, tão forte por sua força de atração de ponto de vista do trabalho e das artes, diminuiu em vários milhares de habitantes por ano, não porque a prosperidade fora arranhada, mas, ao contrário, porque seus ricos tecelões e outros industriais haviam estendido seu domínio de atividade em todos os departamentos vizinhos, até nos Alpes, em toda a parte onde as cascatas ou corredeiras forneciam-lhes a força motriz necessária.

Tudo bem considerado, toda questão de edilidade confunde-se com a própria questão social. Todos os homens, sem exceção, conseguirão respirar o ar em quantidade suficiente, desfrutar plenamente da luz do sol, saborear a beleza das folhagens e o perfume das rosas, alimentar generosamente sua família sem temer que o pão venha a faltar na despensa? Se é assim, mas só assim, as cidades poderão alcançar seu ideal e transformar-se de uma maneira exatamente conforme às necessidades e aos prazeres de todos, tornar-se corpos orgânicos perfeitamente saudáveis e belos.

É a esse programa que tenciona responder a cidade-jardim. E, com efeito, industriais inteligentes, arquitetos inovadores conseguiram criar na Inglaterra, onde o casebre urbano era o mais hedion-

do, um certo número de centros em condições tão perfeitamente saudáveis para o pobre quanto para o rico. Port Sunlight, Bourneville, Letchworth contrastam felizmente com os *slums*[9] de Liverpool, de Manchester e cidades análogas, e as tabelas de mortalidade dessas localidades rivalizam por sua fraca taxa com aquelas dos bairros mais suntuosos de nossas capitais — 10 a 12 óbitos anuais por 1.000 habitantes —, mas são sempre privilegiados que habitam as cidades-jardins e a boa intenção dos filantropos não é suficiente para conjurar as conseqüências do antagonismo que existe entre o Capital e o Trabalho.

Não é indispensável recorrer a essas criações de nossa época para encontrar provas comoventes do desejo de beleza que experimentavam muitos vilarejos de nossos ancestrais, e que só ficam satisfeitos por um conjunto harmônico. Podemos citar notadamente as comunas dos polabos, gente de origem eslava que vive na bacia do Jeetze, afluente hanoveriano do Elba. Lá, todas as casas estão dispostas a certa distância umas das outras em torno de uma grande praça oval, na qual se encontram um laguinho, um bosque de carvalhos ou tílias, algumas mesas e bancos de pedra; cada morada, dominada por uma alta empena suportada por madeiramento saliente, orienta sua fachada para a praça e apresenta, acima de sua porta, uma inscrição biográfica e moral. O verdor dos jardins exteriores desenvolve-se num belo círculo de árvores, interrompido apenas pelo caminho que liga a praça à via principal; é sobre essa linha de ligação com os outros vilarejos que foram construídas a igreja, a escola e o albergue[10].

[9] Favelas. (N.T.)

A população está de tal modo concentrada em certas grandes cidades que ela ultrapassa mil habitantes por hectare, notadamente em alguns bairros de Paris; em Praga, as multidões comprimem-se bem mais ainda; em Nova York, em 1896, a pululação dos seres humanos teria alcançado sua mais forte densidade, 1860 indivíduos por hectare, sobre uma extensão de 130 hectares[11]. Em torno das cidades que o gênio militar não cercou de uma área militar proibida à povoação, o próprio campo cobre-se de vilas e casas. Atraídos para o que é seu centro natural, os agricultores aproximam-se cada vez mais do maciço contínuo de construções e formam em seu perímetro um anel de população densa; forçados, em conseqüência, a contentar-se com um mínimo espaço para sua habitação e suas culturas, entre-

[10] Dr. Tetzner, *Globus*, 7 de abril de 1900.

[11] Lawrence Corthell, *Revue Scientifique*, 27 de junho de 1896, p. 815.

gam-se a um trabalho mais intensivo: de pastores eles fazem-se lavradores, e de lavradores fazem-se jardineiros. Os mapas demográficos mostram muito bem esse fenômeno da repartição circular dos camponeses transformando-se em horticultores. A cidade de Bayreuth, por exemplo, está rodeada por uma zona cuja densidade da população é da ordem de 109 habitantes por quilômetro quadrado; em torno de Bamberg, a densidade quilométrica alcança o número de 180 indivíduos, e o terreno sobre o qual essa multidão reuniu-se era, contudo, na origem, de qualidade muito baixa; mistura de areia e turfa, não convinha, outrora, senão ao crescimento das coníferas: fez-se dele um solo de jardim incomparável[12]. Na região mediterrânica, ocorre que o amor pela cidade, em vez de povoar seu entorno, despovoa-a, ao contrário. O grande privilégio de poder discutir os interesses públicos, por tradição, transformou todo mundo em citadinos. O apelo da ágora como na Grécia, da vida municipal como na Itália, atrai os habitantes para a praça central onde se discutem os interesses comuns, mais ainda sobre os passeios públicos do que entre as paredes sonoras da casa de cidade. É assim que na Provença, o pequeno proprietário, em vez de habitar em seus campos, permanece, contudo, um

[12] Charles Sandler, *Volks-Karten*, p. 1.

"urbano" inveterado. Embora possua pequena ou grande casa de campo, não se instala absolutamente nessa propriedade rural, mas reside na cidade de onde pode ir, passeando, visitar suas árvores frutíferas nesse caminho de ligação, e fazer sua colheita. Os trabalhos do campo são para ele coisa secundária[13].

Por um movimento de reação bem natural contra o pavoroso consumo de homens, o aviltamento de tantos caracteres, a corrupção de tantas almas ingênuas que se agitam na "infernal cuba", reformadores pedem a destruição das cidades, o retorno voluntário de toda a população ao campo. Sem dúvida, numa sociedade consciente, desejando resolutamente o renascimento da humanidade pela vida no campo, essa revolução tal como nunca aconteceu seria estritamente possível, porquanto, avaliando em cem milhões de quilômetros quadrados apenas a superfície das terras nas quais se pode viver de maneira agradável e salutar, duas casas por quilômetro quadrado, contendo cada uma entre sete e oito habitantes, bastariam para alojar a humanidade; mas a natureza humana, cuja primeira lei é a sociabilidade, não se adaptaria com essa dispersão. É verdade, é-lhe necessário o farfalhar das árvores e o som dos riachos, mas também

[13] Edmond Demolins, *Les Français d'aujourd'hui*, pp. 106-107.

a associação com alguns e com todos: o globo inteiro torna-se para ela uma enorme cidade que só ela pode satisfazê-la.

Atualmente, nada faz supor que essas prodigiosas aglomerações de edifícios tenham alcançado sua mais ampla extensão imaginável: muito pelo contrário. Nos países de colonização recente, onde o agrupamento dos homens fez-se espontaneamente, de maneira a conciliar-se com os interesses e gostos modernos, as cidades têm uma população proporcional muito mais considerável do que as aglomerações urbanas das regiões envelhecidas da Europa, e alguns dos grande pólos de atração têm mais de um quarto ou de um terço, às vezes, inclusive, a metade dos habitantes do país. Comparada ao conjunto de seu círculo de atração, Melbourne é uma cidade maior do que Londres, porque a população vizinha é mais móvel, e porque não se deve arrancá-la, como na Inglaterra, do campo onde ela enraizou-se durante séculos. Entretanto, esse fenômeno excepcional de abundância nas cidades australianas provém em grande medida da repartição do solo dos campos em vastas propriedades onde os imigrantes não encontraram lugar; eles foram expulsos dos latifúndios para as capitais[14]. De qual-

[14] J. Denain-Darrays, *Questions diplomatiques et coloniales*, 1º de fevereiro de 1903.

quer modo, o trabalho de transplantação torna-se cada vez mais fácil e o crescimento de Londres poderá fazer-se incessantemente com um consumo mínimo de forças. No começo do século XX, esta cidade tem apenas um sétimo da população das ilhas britânicas; não é de modo algum impossível que ela também adquira um terço ou um quarto dos habitantes do país, tanto mais porque Londres não é só o centro de atração da Grã-Bretanha e da Irlanda, mas também o principal mercado da Europa e de uma grande parte do mundo colonial. Uma próxima aglomeração de dez, vinte milhões de homens, seja na bacia inferior do Tâmisa, seja na embocadura do Hudson, ou em qualquer outro local de atração, nada teria que pudesse surpreender, e, inclusive, devemos preparar nossos espíritos a isso como se se tratasse de um fenômeno normal da vida das sociedades. O crescimento dos grandes pólos de atração não poderá ser freado senão no momento em que o equilíbrio estabelecer-se entre a força atrativa de cada centro sobre os habitantes dos espaços intermediários, Mas, então, o movimento não se deterá: transformar-se-á cada vez mais nessa incessante permuta de população entre as cidades que já observamos e que pode ser comparado ao vaivém do sangue no corpo humano. Sem sombra de dúvida, o novo funcionamento dará origem a novos organismos, e as cidades, já

tantas vezes renovadas, terão de renascer sempre sob novos aspectos em concordância com o conjunto da evolução econômica e social.

RENOVAÇÃO DE UMA CIDADE

Élisée Reclus
Élie Reclus

Quem não ouviu falar, mais ou menos, da capital da Escócia? Quem não conservou a lembrança dos inesquecíveis romances de Walter Scott? Quem não conhece o papel desempenhado por Edimburgo na história? Quem não sabe ao menos que são admiradas suas magníficas perspectivas? — Mas o que geralmente se ignora é que Edimburgo faz uma obra social, e que nessa cidade a idéia da "Nova Sociedade" precisa-se melhor do que alhures, adquire forma concreta, realiza-se. Pequeno começo, mas já é um modelo.

Sabemos que a velha Edimburgo recobre um bloco de lava, escarpado em três lados. No alto da massa escura, que foi o tampão de uma cratera cujas paredes de cinzas desapareceram, ergue-se o

Castle ou fortificação, no qual se trabalhou durante um milhar de anos. Pela desordem grandiosa e pitoresca de suas portas, torreões e muralhas, — muro por aqui, torre por lá — o *Castle* contrasta com a cidade nova, cujos subúrbios que a cercam espalham-se por sua base, e vão-se juntar, ao norte, com a cidade marítima de Leith habitada por uma população muito diferente daquela de Edimburgo. As cidades sustentam não se conhecer mutuamente — e, de fato, não se conhecem: "Atenas nada tem de comum com o vulgar Pireu".

A crista da colina estende-se abaixando-se em inclinação uniforme até a célebre abadia de Holyrood. A fortaleza feudal e o santuário religioso constituíam outrora a cidade quase inteira. No meio da rua Alta (High Street) que acompanha a aresta da lava, ergue-se, como um altar, uma pedra sobre a qual, durante os dias comemorativos, sobe um arauto portando trajes antigos. Ele proclama, em linguagem arcaica, a lei que acaba de promulgar Sua Majestade Victoria, rainha da Escócia, pois, em Edimburgo, a Imperatriz das Índias não é outra senão a herdeira da família dos Stuart. Deve-se dizer que o escocês, atento às coisas do presente, não entende renunciar a seu glorioso passado, ao mesmo tempo em que trabalha por um futuro melhor. Ele quer que sua cidade conserve a marca de outrora. Desfilam orgulhosamente pelas praças os

highlanders ou "montanheses", em suas vestes bizarras, com alguma pele sobre seu *kilt*, lembrança do tempo em que seus ancestrais tinham por veste só a pele de um animal. Tocadores de gaita-de-foles acompanham-nos, nuvens de meninos os precedem-nos, e o júbilo popular segue-os.

Na extremidade baixa de High Street, ao norte do castelo, ergue-se a abadia já citada de Holyrood ou "Virgem Santa". Ela foi transformada num palácio, bem conhecido pela estada ali de Carlos X, quando a Revolução de 1830 expulsou-o do trono da França. Holyrood é assombrado pela lembrança da bela e infeliz Maria Stuart — a tão amada, mas também tão odiada Maria Stuart, por quem literatos, historiadores e teólogos não cessaram de polemizar.

Acrescentemos que na Cidade nova, entre Edimburgo e Leith, a pequena colina, denominada Carlton, encheu-se de bizarras colunatas, copiadas de templos gregos e imitações do Partenon. Para essas construções renovadas do antigo não faltavam nem a pedra nem o mármore; as pedreiras próximas forneciam-lhes em abundância. Edimburgo levara a sério o apelido de Nova Atenas por suas bibliotecas e suas escolas célebres; essa denominação, ela queria merecê-la por monumentos de ordem jônica ou dórica. No entanto, a última moda é o gótico, sem que se possa dizer que ele tenha

proporcionado êxito aos edis. A arquitetura sendo o produto de seu meio, um estilo só é puro e belo na época e nos países onde se originou, onde foi sentido e vivido.

O vale onde se encontra Holyrood separa a aglomeração urbana do vulcão há muito extinto, denominado Arthur's Seat. Esse Arthur — ou Artus — foi o rei lendário que inspirou as grandes epopéias dos Cavaleiros da Távola Redonda, tais como Tristão de Lyonesse, Perceval e Perceforest, Galehaut e Gauvain, Amadis e Palamedes. Um amplo terraço circular, bordejado de basaltos em colunas, circunda o pico supremo de onde se exibe até o mar, até os condados além de Forth, uma imensa extensão verdejante.

O campo começa bruscamente junto à grande cidade, a qual não envia, como faz Londres, tentáculos na província vizinha, onde alcançam burgos, cidades e vilarejos, anexados uns após os outros. Bem ao lado da cidade ruidosa, abrem-se landas e gândaras; o intenso rumor das multidões e dos tambores, os apitos das fábricas e locomotivas fazem aqui e acolá vibrar as paredes dos rochedos solitários.

High Street, a principal artéria da velha cidade, e quase a antiga cidade inteira, High Street onde outrora os prelados encontravam-se com os grandes cortesãos, High Street não era mais que,

nesses últimos tempos, uma rua imunda. Quando Jaime VI herdou a coroa da Inglaterra e transferiu-se para Londres, seguido pelos nobres de seu séquito, Edimburgo foi abandonada pela corte e por todo o mundo dos ricos parasitas. De ruína em ruína High Street tornou-se um local de miséria, um bairro sórdido. Prostitutas estendiam seus colchões de palha sobre antigos parquetes; chaminés monumentais, forradas de madeiras nobres e decoradas de esculturas, eram fechadas e transformadas em toaletes, nos *wynds* ou pátios, nos *closes* ou nas extremidades dos corredores, o lixo acumulava-se a vários metros de altura. O bairro insuportavelmente fétido, tais becos sem saída, tais ruelas ainda são sentinas de infecção. E a miséria ali pulula, lixo humano sobre o lixo das coisas.

Surgiu um homem de coração e de inteligência, denominado Patrick Geddes, o qual se disse: "Dessa podridão, dessa infecção, dessa miséria somos os responsáveis. E se há culpa nesse caso, os culpados não são os mortos de fome, mas aqueles que vivem às suas custas!"

Não que Geddes fosse rico de dinheiro, mas era rico de inteligência e boa vontade. Digamos de início que o indivíduo é um pequeno homem vibrante e ágil. A cabeça é delicadamente esculpida portando uma basta cabeleira caindo-lhe sobre a testa. Diz-se gael, da raça de Artus, porta-se como

um descendente do celta vencido e oprimido; não se preocupa absolutamente em pertencer à posteridade dos piratas e vikings, das hordas de anglos, saxões, norses e outros pilhas das costas do Báltico ou do Mar do Norte, nem dos normandos mais ou menos afrancesados. O homem é um cientista, célebre como botânico, menos conhecido como historiador, mas que conhece muito; ele, inclusive, fez no México estudos prolongados de arqueologia. De preferência, dedica-se à biologia, diz-se discípulo fervoroso de Flahaut, o professor de Montpellier, que ele declara ser o maior botânico do século. A obra de Geddes mais conhecida tem por título *The Evolution of Sex* e foi escrita em colaboração com Thompson, seu colega na Universidade de Dundee, onde Geddes ensina biologia botânica. Seu curso, revolucionário, exaspera os botânicos ortodoxos que permanecem confinados na doutrina das imutáveis espécies. O ensino do biólogo disseminou-se fora da Universidade, e, sob sua influência, formam-se grupos de amadores entusiastas, sociedades de operários botanizando o domingo, que conhecem admiravelmente sua flora local e a respeitam; recusam-se, inclusive, a herborizar com os inoportunos personagens que se obstinam em arrancar plantas sob pretexto de colecionar. Geddes está em íntimas relações com jardinistas especialistas que haviam inventado o darwi-

nismo bem antes de Darwin, pois este, em A *Origem das Espécies*, nada mais fez que reunir em feixe as descobertas e observações dos jardinistas e criadores .

Edimburgo, o grupo universitário mais importante da Grã-Bretanha, conta em suas diversas faculdades 5.000 alunos, dos quais 3.000 ocupando-se de medicina e cirurgia. A célebre escola gaba-se de ter dado origem às duas descobertas cirúrgicas mais importantes do século, a saber: aquela da anestesia pelo éter, o clorofórmio etc., e aquela outra dos curativos antissépticos, glória de Lister. Mas os professores atuais, orgulhosos do renome de seus predecessores, conduzem-se mais como proprietários do que como administradores da Universidade, de cujos rendimentos extraem para si salários mais do que magníficos. Um deles deu-se 125.000 francos por ano. Assim, a política dos senhores diretores orienta-se para diminuir o número dos colegas a fim de aumentar a parte do bolo.

Em contraposição, quanto mais ricos são os professores, mais pobres são os estudantes. Deve-se dizer que os jovens de família rica não deixam de passar seus anos de universidade em Cambridge, ou, ainda melhor, na aristocrática Oxford.

Ao ver em que miséria viviam muitos jovens de bela inteligência e nobres aspirações, Geddes

não pôde deixar de desejar-lhes uma existência menos dura e injusta. Logo se fez uma clientela de estudantes de ambos os sexos, de jovens professores e outros universitários. Resolveu proporcionar-lhes moradias menos odiosas, uma existência menos penosa. O local mais abjeto, talvez, de High Street, foi aquele pelo qual começou — tratava-se de um antro de meretrizes; ele não hesitou em comprá-lo e transformá-lo em *University Hall*; inclusive, instalou o grupo dos estudantes. Ele não tinha dúvidas de que, mudando os ocupantes, a vizinhança mudaria, depois todo o meio. Pôs-se bravamente, então, a comprar os terrenos. Digamos que ele fez de sua vida duas partes. No inverno atua como professor em Dundee, ocupa-se dos trabalhos científicos; no verão, dedica-se às reformas sociais.

E o dinheiro? A sociedade que havia adotado como razão social "Geddes e consortes" (*Geddes and his colleagues*) encontrou, ela sempre encontra. Pois não são castelos na Espanha que ele ocupa-se em construir e reconstruir. O dinheiro ali gasto retorna em aluguéis. Ele demonstra facilmente que com inteligência e *savoir-faire*, e desde que a empresa se faça em vasta escala, os jovens pelos quais se interessa podem ser muito bem alojados, bem alimentados a um custo menor do que lhes custa para ser mal alimentados e mal alojados. Ele produz seus projetos e seus cálculos, mostra os resultados

conseguidos. Já faz sete anos que sua obra funciona, e aquele que, há instantes, tratava-o de visionário, confia-lhe seu dinheiro com base na simples hipoteca das casas a reformar e a reconstruir. Seu sucesso é tal que, malgrado a santa rotina, a administração municipal recorre amiúde a ele. A cidade confiou-lhe a responsabilidade de expropriar imóveis para demolir ou transformar. Somai a isso o fato de que Geddes é um artista, que ele tem o sentido apurado do *décor*. Sabe conservar o pitoresco das antigas construções e, inclusive, desenvolve-o graças a gramados e parterres, por judiciosos ornamentos, afrescos e esculturas. Ele faz melhor e a melhor preço do que todo mundo; realiza notáveis economias em custos de justiça e de contabilidade, suprime os contratos oficiais, as estipulações autenticadas por um livro contábil que se impõe na justiça. O débito e o crédito dão o detalhe das transações, contam tudo o que é útil saber. Até o presente não ocorreu qualquer disputa com os dez arquitetos ou empreiteiros, nem o mínimo processo com os cinqüenta proprietários de imóveis. Houve raras, raríssimas contrariedades com este ou aquele, mas tudo era resolvido sem querela e agia-se de sorte a não incomodar as pessoas, e dirigiam-se a outras. O mundo é grande.

No que concerne à obra já realizada, quatrocentos jovens foram alojados nos novos prédios,

nos quais encontraram moradia espaçosa e amplamente iluminada, guarnecida das acomodações higiênicas. No University Hall, os refeitórios são compartilhados; nas salas de estudos e de discussão os jovens vivem em boa e fraternal camaradagem, numa afeição mútua que não se encontraria nas comunidades religiosas. Os estudantes organizaram-se numa sociedade quase libertária.

Encorajado pelo sucesso, o meio Geddes sonha com algo maior: projeta uma abadia de Teleme; enormes prédios, que até agora só serviram a exposições banais, devem ser transformados em instituto de história e de geografia, com salas de conferências nos andares superiores, ateliês e museus nos andares elevados, os quais dominam a imensa extensão da cidade e do campo, com vista até à maravilhosa ponte do Forth.

E outros projetos avançam: uma biblioteca, laboratórios, e, para não ter como objeto só a instrução, nada além de instrução, seria necessário, para um público mais amplo e menos exclusivamente universitário, música e teatro. Desejar-se-ia fundar a Casa dos Artistas, depois aquela dos autores unidos, tornando-se seus próprios editores e impressores. Pensa-se ainda para mais tarde — mas não tão tarde quanto as calendas gregas — em casas de campo para os convalescentes, em locais de repouso e vilegiatura. Melhor ainda, estuda-se a criação de jardins onde se praticaria a cultura intensiva; onde, em um meio permanecido intelectual, os homens trabalhariam também com suas mãos, proveriam de frutas e legumes, até mesmo de cereais, as associações de High Street.

Tais foram as empresas futuras outrora discutidas em Edimburgo, numa reunião de professores e estudantes de todas as partes da Grã-Bretanha, que marcaram encontro no University Hall; italianos, franceses bastante numerosos também participaram dela. Várias conferências foram proferidas no campo; tais aulas de geologia ou relativas à história da Escócia foram ali realizadas. Algumas foram acompanhadas de representações cênicas. Falaram-nos de Artus, enquanto sentávamos na Távola Redonda, sobre as duas poltronas de grama, ao pé do castelo de Stirling.

Nesse meio do qual o Sr. e a Sra. Geddes são os bons gênios, sonha-se com a transformação dos estudos históricos. Em nossos liceus, colégios e faculdades, a história nada mais é que uma desembalagem de múmias. E tal nos pareceu o pensamento magistral de Patrick Geddes, de seus colaboradores e de seus discípulos: viver a ciência, amar a ciência; cultivar a ciência em si mesma, e não para o lucro; de modo algum para as carreiras oficiais que ela abre, para os salários que proporciona. Cansou-se da ciência tal como os poltrões compreendem-na,

tal como eles açambarcaram-na e impuseram-na nas universidades oficiais, tornadas fábricas de diplomas em proveito da burguesia. Seria preciso retornar aos projetos dos humanistas dos séculos XV e XVI, que pensaram em fundar escolas para desenvolver a humanidade no homem. Mas eles mal começaram e surgiram os dominicanos e jesuítas de um lado, luteranos e calvinistas do outro, que só se preocupavam com propaganda confessional. E não se tratou mais "das humanidades". Já é hora de retomar a idéia que os grandes espíritos da Renascença nutriam e transformar as universidades atuais em Escolas de Livres Estudos.

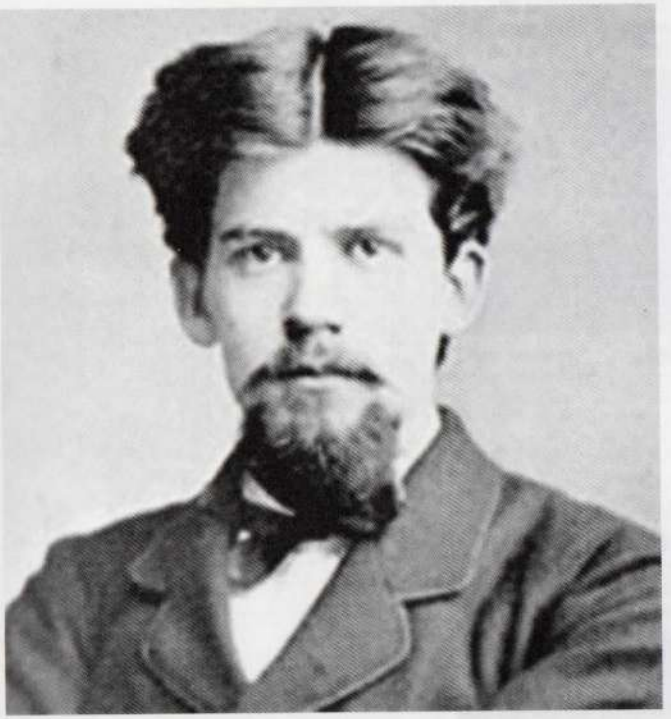
Estes são os projetos, as admiráveis realizações de Geddes e de seus amigos, e é com o coração emocionado que contemplamos as obras realizadas; mas aqui surge uma dúvida: o que aconteceria com a empresa cujo sucesso crescente deve-se quase por inteiro à personalidade do homem que a realiza, a seu calor de alma, a seu entusiasmo incessantemente renascente, a seu amor que tudo penetra e funde os obstáculos como a cera? O que aconteceria com esse trabalho prodigioso se os capitais aos quais ele deve forçosamente dirigir-se e que emprega em suas construções, viessem a dar, em um momento crítico, a preponderância a interesses monetários associados contra ele? É verdade, os banqueiros adoram desmanchar-se em demonstra-

ções de untuosa filantropia quando o dinheiro emprestado proporciona-lhes significativa porcentagem; eles, então, transbordam de simpatia pelos humildes e pelos pobres. Mas esses são sentimentos com os quais não se deve de modo algum contar de maneira absoluta; por mais generoso que seja o emprestador, ele não suporta absolutamente renunciar às suas garantias. Assim, quando os homens sinceros, quando os puros e os devotados que consagram sua vida à obra fraternal, não estiverem mais lá para continuá-la no mesmo espírito, quando dormirem sob a lápide, e que o "capital engajado", sempre vivo, sempre consciente de seus "direitos", estiver doravante encarregado de conduzir a empresa a bom termo, infelizmente, então, tudo mudará. É verdade que as protestações humanitárias fazem-se ainda ouvir, mas são palavras vãs, vazias de sentido; o dinheiro tornou-se o senhor, e toda a iniciativa encontra-se orientada para um vil ideal. Foi assim que tantas obras, começadas em puro entusiasmo fraternal, tornaram-se pouco a pouco medíocres instituições burguesas, das quais seria tão útil livrar-se delas quanto foi nobre empreendê-las!

É verdade, esses corajosos de Edimburgo, "Geddes e amigos" sabem perfeitamente qual perigo ameaça-os; eles não ignoram absolutamente o poder nefasto da propriedade privada, do dinheiro, dos lucros às centenas e aos milhares; todavia,

ainda que suportando as condições dessa sociedade ruim, eles apressam-se para agir, realizando o melhor que podem tantos "fatos consumados" quanto sua vida pode fornecer, dando à obra o impulso de todo o seu ser, associando-se em números crescentes para que seja cada vez mais difícil ao dinheiro fazê-los desviar de seu objetivo. A forma exterior da obra poderá mudar depois deles, mas o que não perecerá é seu espírito, e outros continuarão o trabalho de onde eles tiverem deixado.

Já vimos bastante, já vimos em demasia dessa exploração cada vez mais cruel do homem pelo homem, demasiado dessa "produção das riquezas", isto é, pauperização da maioria em proveito de uma minoria cada vez mais restrita. Já tivemos bastante do "iníquo Mammon", demasiado do vil Bezerro de Ouro. Que nos dêem, enfim, uma sociedade humana que seja ao menos digna das outras sociedades animais, tais como as repúblicas das formigas e das abelhas, dos grous e das andorinhas! Adquiramos, enfim, a liberdade de ser felizes! Necessitamos de fraternidade — de fraternidade entre os povos e as nações, fraternidade entre os homens.



Patrick Geddes
(1854 - 1932)

impressão e acabamento:
EXPRESSÃO & ARTE GRÁFICA
Fones: (11) 3951-0240 / 3951-5188
E-Mail: expressaoearte@terra.com.br
www.expressaoearteeditora.com.br

PRIMEIROS TÍTULOS

ÉLISÉE RECLUS

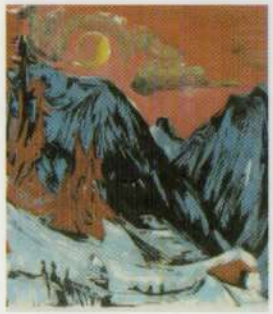
DA AÇÃO HUMANA
NA GEOGRAFIA FÍSICA

GEOGRAFIA COMPARADA
NO ESPAÇO E NO TEMPO

Editora Imaginário — Expressão & Arte Editora

ÉLISÉE RECLUS

DO SENTIMENTO DA NATUREZA
NAS SOCIEDADES MODERNAS



Editora Imaginário — Expressão & Arte Editora